



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

NÁDIA GALDINO FREITAS DOS SANTOS

**Biblioteca escolar em cursos de idiomas como suporte informacional
no aprendizado de língua estrangeira:
estudo de caso do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília**

Brasília
2013

NÁDIA GALDINO FREITAS DOS SANTOS

**Biblioteca escolar em cursos de idiomas como suporte informacional
no aprendizado de língua estrangeira:
estudo de caso do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília.**

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Informação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alice
Guimarães Borges

Brasília
2013

Santos, Nádia Galdino Freitas dos.

Biblioteca escolar em cursos de idiomas como suporte informacional no aprendizado de língua estrangeira: estudo de caso do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília / Nádia Galdino Freitas dos Santos. – Brasília, 2013.

88 p. : il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2013.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alice Guimarães Borges.

1. Sociedade da Informação e do Conhecimento. 2. Ensino de língua estrangeira. 3. Biblioteca escolar. 4. Centro Interescolar de Línguas (CIL). I. Título.

CDU 027.8:811

*Dedico esse trabalho à minha família:
meu lar, minha base, minha vida, meu tudo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, pelas oportunidades que me foram oferecidas e por ter me dado forças para chegar até aqui, principalmente nos últimos dois anos.

À minha família, pela criação repleta de amor, carinho, ensinamentos e valores que me fizeram a pessoa que sou hoje; por sempre me mostrar a importância dos estudos e pelo apoio incondicional em todas as etapas da minha vida. À minha irmã, Stela, pela presença constante em todos os momentos difíceis que antecederam essa monografia, pelos conselhos e “chacoalhões” quando eu precisei.

Aos amigos que souberam compreender ausências – e me “tirar do casulo” quando preciso. Obrigada especialmente àqueles que compartilharam comigo suas experiências e dificuldades na conclusão de seus cursos de graduação.

Aos colegas de curso pela companhia e pelos vários momentos memoráveis durante os anos de estudo (e após eles), não poderia desejar uma turma melhor – saudades principalmente da Aryane, Francelle e Guilherme, estarão sempre em meu coração! Agradeço também àqueles que me deram força e dicas nessa etapa da monografia, em especial à querida Yaciara por ter acompanhado toda essa “saga” mais de perto e me dado força tanto através dos seus conselhos quanto de sua paixão pela profissão... uma das coisas que mais quero é ser tão apaixonada pelo que faço como ela.

Ao Alexandre, por existir e por ter entrado na minha vida quando eu mais precisava. Obrigada pela força, por me fazer sentir que não estava sozinha e por ter tornado toda essa jornada muito mais fácil e mais incrível com sua presença, uma das mais constantes e importantes nesse período, mesmo à distancia.

Ao Alexandro, meu psicólogo, por absolutamente tudo. Por aguentar minhas reclamações constantes (desde a primeira sessão, quando eu cheguei atrasada e ensopada depois de levar um banho de chuva). Por me ajudar a ver que minhas escolhas eram minha responsabilidade e que elas teriam uma consequência, mas que elas eram, acima de tudo, minhas. Por ter me ajudado a visualizar as coisas de forma mais positiva

e a ser uma pessoa mais leve. Por me mostrar a importância de concluir esse curso quando tudo o que eu queria era desistir. Por conseguir me fazer valorizar minhas conquistas e reconhecer minhas capacidades. Por me fazer entender que eu sou merecedora das coisas boas que têm me acontecido desde então e que eu estou pronta não só para continuar caminhando pela vida, mas para voar. E essa vitória é *nossa*.

À professora Maria Alice, por ter aceitado a orientação e por acreditar em mim e no meu tema. Obrigada pelo incentivo constante, pelos elogios, pelas correções, pelos conselhos, pelas conversas... enfim, por ter sido exatamente a orientadora que eu precisava para conseguir levar esse trabalho adiante depois de tantas dificuldades e ter me ajudado a enxergar meu próprio potencial.

Ao professor Marcílio, pela disposição para ajudar, pelas dicas, pelas sugestões de bibliografia e por toda a força antes e durante a elaboração desse trabalho.

À direção do CIL, que me permitiu a realização do estudo de caso e a aplicação dos questionários na Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante. Às responsáveis pela biblioteca, especialmente à Bete e à Marta, por terem me recebido tão bem e colaborado com tudo o que foi possível. Aos alunos e professores que responderam aos questionários e colaboraram imensamente com a realização desse trabalho especialmente com suas observações e sugestões.

Finalmente, aos meus professores de línguas estrangeiras, que com suas aulas contribuíram para aumentar cada vez mais meu interesse pelo aprendizado de outros idiomas e minha sede de conhecer esse mundo e toda a sua diversidade cultural.

“Todos sorriem na mesma língua”.

(autor desconhecido)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo conhecer as bibliotecas das escolas e cursos de idiomas e verificar sua importância como suporte informacional no aprendizado de língua estrangeira por meio de um estudo de caso com a Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília. Para a realização do presente trabalho, foram elaboradas pesquisas documental, descritiva e exploratória. A primeira constitui-se de revisão de literatura sobre os temas: Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC); ensino de língua estrangeira (LE); biblioteca especializada e escolar. A segunda baseia-se no diagnóstico do CIL e da Biblioteca. A terceira, por fim, demonstra o resultado da aplicação de questionários aos alunos, professores e responsável pela biblioteca, a qual possibilitou verificar as características e situação atual desse tipo de biblioteca, além de identificar as principais necessidades de informação dos seus usuários. Dentre as sugestões apresentadas pelos respondentes, destacam-se a maior divulgação do acervo e serviços; maior presença da tecnologia na biblioteca – tanto por meio da informatização do acervo quanto da maior disponibilização de computadores para uso dos alunos – e a presença de profissionais bibliotecários com conhecimento de idiomas. Sugere-se a continuidade de estudos como esse a fim de contribuir para uma maior divulgação da importância tanto do ensino de língua estrangeira quanto de uma biblioteca como suporte ao processo de ensino-aprendizagem nesse contexto.

Palavras-chave: Sociedade da Informação e do Conhecimento. Ensino de língua estrangeira. Biblioteca escolar. Centro Interescolar de Línguas (CIL).

ABSTRACT

This monograph aims to know the libraries of language schools and courses and verify its importance as informational support in language learning through a case study of Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília. For the accomplishment of this work, documentary, descriptive and exploratory researches were prepared. The first consisted of a literature review on the topics: Information and Knowledge Society (SIC); teaching of foreign language (FL); specialized and school libraries. The second is based on the diagnosis of CIL and its library. The third, finally, demonstrates the result of the application of questionnaires to the students, teachers and the person responsible for the library, which enabled us to verify the features and current status of this kind of library, and identifies key information needs of its users. Among the suggestions made by the respondents, it can be highlighted the wider dissemination of its collections and services; increased presence of technology in the library - both through the computerization of the library as the increased availability of computers for student use - and the presence of librarians training with knowledge of languages. We suggest the continuity of such studies in order to contribute to the wider dissemination of the importance of both foreign language teaching and a library that serves as a support in the teaching-learning in this context.

Keywords: Information and Knowledge Society. Foreign language teaching. School library. Centro Interescolar de Línguas (CIL).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura sistêmica da Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante.....	41
Figura 2 – Organograma da Secretaria de Estado de Educação	43
Figura 3 – Entrada do CIL.....	44
Figura 4 – Entrada da Biblioteca.....	49
Figura 5 – Balcão de atendimento	50
Figura 6 – Espaço da Biblioteca.....	51
Figura 7 – Mesas para estudo coletivo e estudo individual.....	51
Figura 8 – Espaço reservado para a monitoria	52
Figura 9 – Sexo (alunos).....	56
Figura 10 – Escolaridade (alunos).....	57
Figura 11 – Idioma (alunos)	57
Figura 12 – Frequência (alunos).....	58
Figura 13 – Não frequenta (alunos).....	59
Figura 14 – Motivos (alunos)	59
Figura 15 – Horário (alunos)	60
Figura 16 – Materiais (alunos).....	60
Figura 17 – Serviços (alunos).....	61
Figura 18 – Projetos do CIL (alunos)	61
Figura 19 – Necessidades de informação (alunos)	62
Figura 20 – Sexo (professores).....	65
Figura 21 – Escolaridade (professores)	66
Figura 22 – Idioma (professores).....	66
Figura 23 – Frequência (professores)	67
Figura 24 – Não frequenta (professores)	68
Figura 25 – Motivos (professores).....	68
Figura 26 – Horário (professores)	69
Figura 27 – Materiais (professores).....	69
Figura 28 – Serviços (professores)	70
Figura 29 – Projetos do CIL (professores)	70
Figura 30 – Necessidades de informação (professores)	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A Biblioteca no CIL (alunos)	63
Tabela 2 – A Biblioteca no CIL (professores).....	72

LISTA DE SIGLAS

CIL – Centro Interescolar de Línguas

ENPLE – Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras

GDF – Governo do Distrito Federal

LDB – Lei de Diretrizes Básicas da Educação

LE – Língua Estrangeira

LEM – Língua Estrangeira Moderna

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do DF

SIC – Sociedade da Informação e do Conhecimento

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UI – Unidade de Informação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	16
2.1	Objetivo geral	16
2.2	Objetivos específicos.....	16
3	REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1	A Sociedade da Informação e do Conhecimento.....	17
3.2	O ensino de língua estrangeira	21
3.2.1	Importância do ensino de língua estrangeira	21
3.2.2	Histórico do ensino de língua estrangeira no Brasil	29
3.3	A biblioteca das escolas e cursos de idiomas	31
3.3.1	Biblioteca especializada	31
3.3.2	Biblioteca escolar	35
4	METODOLOGIA.....	39
5	ESTUDO DE CASO	41
5.1	Ambiente de pesquisa.....	41
5.1.1	Governo do Distrito Federal	42
5.1.2	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)	42
5.1.3	Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília	44
5.2	Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante	49
5.3	Pesquisa exploratória	55
5.3.1	Universo/Amostra.....	55
5.3.2	Coleta/Processamento.....	55
5.3.3	Análise dos dados	56
6	CONCLUSÃO.....	75
	REFERÊNCIAS	78

APÊNDICE A – Questionário aplicado ao responsável pela Biblioteca.....	81
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores	83
APÊNDICE C – Questionário aplicado aos alunos.....	86

1 INTRODUÇÃO

É de considerável relevância a presença cada vez maior de cursos de línguas estrangeiras no Brasil. O avanço da globalização, principalmente após o advento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), pode ser apontado como o principal fator para essa realidade. A interdependência entre países torna cada vez maior a presença de outras culturas no nosso dia-a-dia, despertando o interesse por um conhecimento maior acerca dessas civilizações, em que se destaca o aprendizado de suas respectivas línguas nativas. No mercado de trabalho, aumenta a exigência por funcionários que saibam falar pelo menos uma língua estrangeira. A maior facilidade para viajar para fora do país e as oportunidades de intercâmbio para estudo no exterior também são fatores que aumentam a busca pelo aprendizado de outros idiomas.

Nesse contexto, e considerando que se vive na chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC), a qualidade no aprendizado deve ser tratada como prioridade – principalmente em tempos de cursos de idiomas *online*, gratuitos ou não. Para quem quer aprender mais do que simples informações básicas para se comunicar em uma viagem de uma ou duas semanas, é importante um aprendizado frequente e constante e, principalmente, em que se tenha acesso ao material adequado e atualizado – inclusive com as novas tecnologias.

Diante do exposto, as bibliotecas das escolas e cursos de idiomas podem atuar como suporte informacional a fim de suprir essa necessidade, disponibilizando para os alunos e a comunidade em geral acesso ao material utilizado em sala de aula e além dela e, em conjunto com a instituição a que estão vinculadas, apoiando e promovendo eventos culturais para um maior aprofundamento e vivência da cultura falante da língua estudada.

Dessa forma, torna-se oportuno o estudo dessas unidades de informação (UI) e sua atuação no processo de ensino-aprendizagem de um novo idioma, considerando a escassez de trabalhos e estudos sobre a importância da biblioteca nesse contexto.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a biblioteca na escola de cursos de idiomas como suporte informacional no aprendizado de língua estrangeira (LE), por meio de estudo de caso aplicado à *Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante* do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar o histórico do ensino de línguas estrangeiras no Brasil.
- Estudar a importância do aprendizado de línguas estrangeiras.
- Contextualizar os conceitos de biblioteca especializada e escolar.
- Diagnosticar a *Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante* do CIL de Brasília quanto ao histórico, estrutura, acervo, processamento, serviços, público.
- Verificar a visão dos alunos e professores do CIL de Brasília quanto à Biblioteca.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (SIC)

Introdução

Atualmente, vive-se uma revolução tecnológica, concentrada nas tecnologias da informação, a qual vem remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. Dessa forma, “redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 1999, p. 39).

Nesse contexto, “a informação tornou-se a mais valiosa força de transformação do homem, ou seja, informação pode traduzir-se em poder”, o qual, “associado aos contemporâneos meios de comunicação de massa, possui capacidade infinita de mudar culturalmente a sociedade como um todo” (MIRANDA, 2007, p. 87).

Mudança

A humanidade vivencia, então, “um período de transformação de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação”. Masuda (1982) lembra que, até então, “a história humana compreendeu três tipos de sociedade: a da caça, a agrícola e a industrial” e destaca que “as inovações no sistema tecnológico à disposição da sociedade, em geral, tornaram-se as principais forças motoras dessas transformações sociais”. Dessa forma, “a humanidade deixa suas bases originais [...] para ingressar na economia da informação, na qual a manipulação da informação é a atividade principal” (SQUIRRA, 2005, p. 256).

Borges ressalta ainda que:

dessa época da especialização, do isolamento, da análise como fim em si mesma e cada vez mais atomística, chegou-se à era da síntese, do global, [...] da agregação, da busca do comum, [...] da complementariedade nas várias áreas do conhecimento (BORGES, 2000, p. 26).

SIC & TICs

O termo Sociedade da Informação – e outros correlatos como Sociedade do Conhecimento, sociedade de rede, sociedade digital, *cibercultura*, era do acesso – tem ligação direta com a informação, as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e sua “disseminação nas diversas práticas sociais [...], sobretudo a partir das últimas décadas do século XX”. Tais denominações “ênfatizam diferentes aspectos, como a tecnologia em si [...] ou as relações, mediações e usos que podem ser estabelecidos pelos sujeitos através das mídias” (CARVALHO, 2009, p. 20-21).

Um dos maiores impactos nas relações entre as pessoas, no entanto, foi a introdução da Web, em 1992:

A Internet, como a conhecemos hoje, com sua interface gráfica e com os recursos de hipertexto e hipermídia, é a fusão de tudo o que já tinha sido inventado em termos de meios de comunicação. Da imprensa, traz a palavra escrita; do rádio, a fala; da televisão, a imagem em movimento. O mais importante, no entanto, é que, ao contrário do rádio, jornal e televisão, a Internet incorporou também as características do telefone, tornando o internauta não apenas receptor, mas também emissor da informação (LEFFA, 2002, p. 9).

Borges (2000, p. 31) conclui esse ponto de vista pontuando que “a informação sempre foi o insumo básico do desenvolvimento” e que os “diversos meios de comunicação, em vez de se excluírem, potencializam-se, mutuamente”. Para a autora, “as novas tecnologias, os novos mercados, as novas mídias, os novos consumidores desta era da informação e do conhecimento conseguiram transformar o mundo em uma grande sociedade, globalizada e globalizante” (BORGES, 2000, p. 32).

A inserção dessas tecnologias na sociedade ganha destaque no Brasil especialmente a partir do ano 2000, com o lançamento do *Livro Verde – Sociedade da Informação no Brasil*, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. A partir desse instrumento, “o país adotou o caminho de primeiro investir no desenvolvimento da infraestrutura de informações, em seguida investir na informatização da economia, para então chegar ao patamar da Sociedade da Informação”. Tal concepção parte da lógica do sistema capitalista, em que “os sujeitos são vistos como consumidores de bens, serviços e informações” na organização de uma economia digital (SOUZA; BONILLA, 2009, p. 134).

Importância

A importância da tecnologia do computador, conforme enfatizado por Masuda (1982, p. 67), reside no fato de que, “pela primeira vez, fez-se uma máquina para criar e fornecer informação”.

Squirra (2005, p. 258) destaca que “seu escopo de abrangência vai além do mundo da Internet e está redefinindo a economia global, trazendo consigo a transformação do mundo ‘inteligente’ em todas as suas dimensões”. Dessa forma, “o conhecimento vem sendo assumido como um fator de produção e domínio, representando o denominador determinante dos desenvolvimentos econômicos e sociais” (SQUIRRA, 2005, p. 259).

Diante dessa perspectiva, Borges (2000, p. 28) acrescenta:

Os dois bens primordiais do ponto de vista econômico com características próprias e diferenciadas dos outros bens são a informação e o conhecimento, pois o seu uso não faz com que acabem ou sejam consumidos. Quando são utilizados, há um processo de interpretação, de interligação, de complementariedade, promovendo um ato de criação e invenção. O uso da virtualização, cada vez mais presente no nosso cotidiano, amplia as potencialidades humanas, criando novas relações, novos conhecimentos, novas maneiras de aprender e de pensar (BORGES, 2000, p. 28).

Castells (1999, p. 69) acredita ainda que:

A difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos; usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa (CASTELLS, 1999, p. 69).

Características

Em relação à inovação tecnológica, três estágios, aplicados à revolução da tecnologia de telecomunicações e informática, podem ser identificados:

O *primeiro estágio* é o da *automação*, no qual o trabalho mental do homem é, inclusive, realizado através da aplicação da tecnologia de telecomunicações e informática.

O *segundo estágio* é o da *criação de conhecimento*, que conduz à amplificação do trabalho mental do homem.

O *terceiro estágio* é o da *inovação sistêmica*, um conjunto de transformações políticas, sociais e econômicas resultantes do impacto dos dois primeiros estágios de desenvolvimento (MASUDA, 1982, p. 78).

Diante dessa perspectiva, Castells (1999, p. 43) ressalta que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. Porém, “a produção de valores informacionais, e não valores materiais, será a força motriz da formação e do desenvolvimento dessa sociedade” (MASUDA, 1982, p. 45).

Deve-se considerar, entretanto, que “há países produtores de conhecimento, países usuários em vários graus e outros marginalizados desse processo”. Dessa forma, torna-se evidente a:

necessidade de se realizar esforços monumentais em inovação e domínio tecnológicos, conjuntamente com pesquisa e produção científicas. Isto, se esta nação quiser mudar da condição de mera infoespectadora na complexa e sofisticada sociedade dita do conhecimento (CONTINI; REIFSCHNEIDER; SAVIDAN *apud* SQUIRRA, 2005, p. 263).

Conclusão

Pode-se afirmar que “às três necessidades básicas da indústria moderna, homens, materiais e máquinas, foi acrescentada uma quarta: informação” (SASS, 1963 *apud* FIGUEIREDO, 1979, p. 13).

Dessa forma:

[...] a Sociedade da Informação e do Conhecimento é uma realidade. É uma resposta à dinâmica da evolução, ao crescimento vertiginoso de experiências, invenções, inovações, dentro de um enfoque sistêmico – onde a interdisciplinaridade é fator determinante (BORGES, 2000, p. 32).

José Mariano Gago (1997), Ministro da Ciência e da Tecnologia de Portugal, citado por Borges (2000, p. 32), acredita ainda:

As sociedades não perdem o seu lastro histórico. O desejo da Sociedade da Informação e do Conhecimento não faz uma sociedade nova: é antes a renovação de um ideal antigo, a proclamação de uma liberdade desejada, a fome de modernidade e de justiça, como se, de repente, as possibilidades técnicas tornassem insuportáveis os entraves burocráticos, a sufocação autoritária, a privação de informação e de saber.

Finalmente, Castells (1999, p. 42) ressalta que, diante dessa realidade, “devemos nos lembrar de que a busca da identidade é tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica no registro da nova história” (CASTELLS, 1999, p. 42).

3.2 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

3.2.1 IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Cultura

A democratização do acesso à língua estrangeira (LE), segundo Tramonte (2002, p. 2), “está intrinsecamente ligada ao tema da diversidade cultural que vem adquirindo crescente importância na atualidade”.

Em um sentido antropológico, a cultura pode ser definida como o “conjunto de costumes, língua, ideias, organização social e histórica comum a um grupo de pessoas e que lhes concede uma identidade particular” (SCOLLON & SCOLLON, 1995 *apud* HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 3). Justamente por ser composta de diversos elementos, ela “apresenta caráter dinâmico e está em constante renovação, sendo construída através da interação social entre várias identidades, nas quais a língua atua como sistema semiótico mediador” (SHI-XU & WILSON, 2001 *apud* MOTTA ROTH, 2003 *apud* HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 3).

Segundo Rigo (RIGO, 2007, p. 1) “o indivíduo, ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É, portanto, na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta”. Dessa forma, deve-se considerar a “importância das diferenças culturais e do diálogo intercultural não apenas como forma de conhecer o outro e evitar preconceitos, mas também de fortalecer a própria identidade cultural” (HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 7).

Fleuri (2003 *apud* HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 3) trata do conceito de interculturalidade e o define como uma “forma de superar as barreiras culturais que separam do ‘outro’, construindo uma predisposição para a leitura positiva, para uma multiplicidade cultural e social capaz de promover a reconstituição do próprio indivíduo”. Nesse sentido, uma educação inter ou multicultural seria “o conjunto de propostas educacionais e pedagógicas que têm interesse de estimular relações de respeito e integração entre diversos grupos socioculturais, dentro de uma perspectiva dialógica” (HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 3).

Globalização

Vive-se hoje em “um mundo globalizado, que nos permite o acesso à informação como nenhuma outra época” (KEZEN, 2003, p. 4).

No contexto da globalização, “a idéia de relação assimétrica de poder entre os países é substituída pela idéia de interdependência, de convivibilidade: nenhum país é tão rico e auto-suficiente que nada precise dos outros, nem tão pobre que nada tenha a oferecer” (LEFFA, 2002, p. 11).

Dessa forma:

Se antigamente podíamos viver interagindo apenas com os membros de nossa família, hoje para viver e exercer nossa cidadania, temos que interagir com pessoas que estão mais distantes de nós: além do círculo familiar, além dos limites da cidade, além das fronteiras do país (LEFFA, 2002, p. 10).

Diante desse panorama, “os aspectos culturais se tornaram alvo de discussões nos mais diversos campos de atuação, especialmente no campo do ensino” (HINOJOSA; LIMA, 2008, p. 6).

Assim, “com o aumento do intercâmbio entre os povos e, sobretudo, com a evolução dos meios de comunicação, surgiu a necessidade do domínio oral da linguagem” (PANDOLFI; TOSQUI, 2001, p. 3-4). Nesse contexto, ter proficiência, especialmente na língua inglesa, “é hoje uma qualificação básica do indivíduo, tanto para sua carreira acadêmica quanto profissional” (KEZEN, 2003, p. 3).

Destaca-se, ainda, a importância da interação e socialização no mundo moderno e um melhor entendimento deste mundo através do domínio de uma língua estrangeira:

A aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna qualifica a compreensão das possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual (BRASIL, 2002 *apud* RIGO, 2007, p. 5).

Importância da língua estrangeira

Leffa (2002, p. 10) acredita que “o lado positivo da mundialização nos relacionamentos entre os indivíduos é que aprendemos a conviver com a diversidade, tanto linguística como cultural”.

Nesse contexto:

Nossa pátria não é mais nossa família, nossa comunidade ou nosso país. Nossa pátria é o planeta Terra. Somos todos filhos do mesmo planeta, habitando a mesma biosfera e sujeitos aos mesmos tipos de sentimento, oscilando entre amor e ódio, medo e coragem, alegria e tristeza (MORIN, 2000 *apud* LEFFA, 2002, p. 19).

Tramonte (2002, p. 5), diante dessa perspectiva, acredita que:

o ensino da língua estrangeira não é um ‘território neutro’ do saber, [...] é a área por excelência que permitirá ao aluno [...] o contato com outras culturas, uma abertura importante para acessar ao conhecimento universal acumulado pela humanidade.

Assim, a aprendizagem de LE “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais [...], é sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL, 1998, p. 38 *apud* CHAGURI, 2005, p. 6).

Rigo (2007, p. 7), complementa tal ponto de vista, ao afirmar que “ao proporcionar a reflexão sobre a realidade política, econômica, e social de outros países, a aula de língua estrangeira pode ampliar o conhecimento de mundo do aluno, não só no que diz respeito à informação, mas também a sua formação como cidadão”.

Nessa perspectiva, Tramonte (2002, p. 3) vai além, ao afirmar que “o conhecimento em língua estrangeira é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população”. Dessa forma:

falar, confrontar, conhecer e ensinar línguas estrangeiras pode ser, para a maioria da população, e, especialmente para os alunos que frequentam a escola pública, a oportunidade de intercâmbio cultural, o alargamento das várias possibilidades de expressão e comunicação, justamente a sua janela aberta para o mundo (TRAMONTE, 2002, p. 5).

Destaca-se, ainda, um lado emocional no aprendizado:

Aprender uma língua estrangeira significa ainda ter uma experiência emocional de comunicação. Entender e ser entendido, não se sentir frustrado quando uma situação de comunicação se apresenta, sentir o progresso e vencer o desafio de ler, escrever e falar algo significativo em inglês - tudo isso pode conotar um crescimento pessoal muito positivo... ou negativo, se não for bem conduzido (KEZEN, 2003, p. 3).

O ensino de LE deve, nessa perspectiva, objetivar:

A formação de cidadãos autônomos, críticos e participantes, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem, utilizando sua própria língua ou outra, e sendo capazes de se comunicar e atuar como cidadãos, formando assim sua própria história (CHAGURI, 2005, p. 1).

Segundo Rigo (2007, p. 2):

A educação contemporânea deve estar voltada para a formação de cidadãos capazes de participar na construção de uma sociedade melhor, conscientes de seus direitos e deveres e preparados para acompanhar as transformações do mercado de trabalho e do mundo.

Diante dessa perspectiva, uma verdadeira política para o ensino de línguas deve incluir:

justificativas educacionais, culturais, psicológicas, linguísticas e práticas nos currículos escolares, universitários e formativos dos professores de idiomas, além de levantar os critérios com os quais definir quantas, quais línguas e quando poderiam preencher a disciplina Língua Estrangeira (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 104).

Vivenciou-se, então, uma sucessão de abordagens e métodos de ensino e aprendizagem de LE que vem evoluindo até hoje. Destaca-se, atualmente, a abordagem comunicativa, a qual “possibilita aos alunos que aprendam formas linguísticas e as relatem em uma função comunicativa, [...] usando as estruturas linguísticas não como um fim, mas sim como um meio, um suporte para a comunicação” (PANDOLFI; TOSQUI, 2004, p. 4).

Para alcançar os objetivos propostos, a abordagem comunicativa pressupõe que o aluno desenvolva igualmente as “quatro habilidades de uma língua: leitura, redação, expressão oral e compreensão auditiva”. Junto a essas habilidades, estão os

“conhecimentos sobre as situações de uso das palavras na língua e a inclusão dos aspectos socioculturais” (PANDOLFI; TOSQUI, 2004, p. 5).

Nesse contexto, Schütz (2003, p. 1) ressalta que “a motivação do aprendiz no aprendizado de línguas é um elemento chave” uma vez que, “assim como na aprendizagem em geral, o ato de se aprender línguas é ativo e não passivo. Não se trata de se submeter a um tratamento, mas sim de construir uma habilidade”.

De acordo com o autor:

É interessante observar que frequentemente uma motivação indireta acaba dando origem à motivação direta. Ou seja, a pessoa inicialmente impulsionada em seu ato por um objetivo indireto maior, acaba "tomando gosto", descobrindo valores antes desconhecidos, destruindo imagens estereotipadas, encontrando no "sacrifício" intermediário um objeto de motivação direta. Isto ocorre na medida em que a experiência de aprendizado da língua é complementada com o aprendizado da respectiva cultura, passando ambos a fazer parte da coleção de experiências de vida da pessoa (SCHÜTZ, 2003, p. 3).

Cursos de idiomas

Rocha (2010, p. 1) afirma que “os cursos de idiomas ocupam importante papel dentro da sociedade” e que a missão dessas instituições “é formar um sujeito possuidor de capacidade comunicativa”. Segundo o autor, em meados da década de 1980, a “necessidade de se ensinar a língua para seu uso em situações reais de comunicação” (como intercâmbios culturais, viagens de negócios e o crescimento do turismo no país) aumentou a demanda por cursos de língua estrangeira.

No Brasil, o sistema de ensino fundamental e médio, “tanto público como particular, tem mostrado uma incapacidade de proporcionar um bom ensino de língua estrangeira. Por isso, tantos recorrem aos cursos de idiomas” (KEZEN, 2003, p. 1).

Campani (2006, p. 212) acredita que, na realidade dos cursos livres, muitas dificuldades da escola formal parecem não estarem tão presentes, visto que, ao mesmo tempo em que as línguas estrangeiras foram desvalorizadas nos currículos formais, as redes de cursos livres aumentaram maciçamente. “Discussões que consomem tempo dos professores da escola formal, tais como ‘o que’, ‘como’, ‘por que’ e ‘para que’ ensinar

parecem já estar mais vencidas dentro desses cursos há mais tempo” (CAMPANI, 2006, p. 212-213).

Esses cursos, denominados cursos livres por não seguirem o mesmo projeto político-pedagógico das escolas regulares, são igualmente responsáveis pela formação de indivíduos (ROCHA, 2010, p. 2-3).

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira na escola de idiomas, o indivíduo entra em contato com outra cultura, outros valores que são repassados e exemplificados pelo professor através de filmes, diálogos, conversas e todo o tipo de manifestação linguística da cultura constitutiva da língua estrangeira em processo de aquisição. Assim, o ensino tanto nas escolas regulares como nas especializadas em ensino de línguas deve fazer parte de um processo formador de valores como base para o verdadeiro aprendizado (FACCHIN, 2009 *apud* ROCHA, 2010, p. 3).

Brasil

Segundo Tramonte (2002, p. 1), “o acesso ao conhecimento torna-se, crescentemente, uma das maiores exigências no campo da cidadania. No Brasil, esta necessidade se acirra, devido aos longos períodos de elitização educacional, exclusão e desigualdade social”. No contexto brasileiro, onde existe um histórico de profundos fossos culturais, considerando sua extensão continental e sua “solidão linguística” na América Latina, “ter acesso a uma língua estrangeira consolidou-se historicamente como um privilégio de poucos”. Dessa forma, o conhecimento de uma língua estrangeira pode ser uma “estratégia de democratização do saber”.

Quanto ao ensino de LE no Brasil, especialmente nas escolas públicas, a autora ressalta:

A superação da desigualdade de oportunidades de acesso ao conhecimento é um aspecto relevante quando falamos de uma realidade tão excludente quanto a brasileira. O alargamento do universo cultural é um direito de cidadania e pode ser a justificativa por excelência da importância do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas, composta em sua maior parte por indivíduos oriundos das classes populares, excluídos do acesso às riquezas produzidas pela sociedade e marginalizados em termos culturais (TRAMONTE, 2002, p. 4).

Para Rigo (2007, p. 3), “conhecer o mundo à nossa volta nunca foi tão importante, e o Governo Federal atento a tais necessidades propõe um ensino de LE mais voltado à comunicação e contextualização de conteúdos”.

Nesse contexto, tem-se a “publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental, em 1998”, os quais “propõem orientações gerais sobre o básico a ser aprendido e ensinado em cada etapa” (RIGO, 2007, p. 7).

No âmbito da Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB), as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes e de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. [...] Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado (RIGO, 2007, p. 3).

Dessa forma:

[...] as Línguas Estrangeiras Modernas (LEM) assumem a sua função intrínseca que, durante muito tempo, esteve camuflada: a de serem veículos fundamentais na comunicação entre os homens. Pelo seu caráter de sistema simbólico, como qualquer linguagem, elas funcionam como meio para se ter acesso ao conhecimento e, portanto, às diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade, o que propicia ao indivíduo uma formação mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais sólida (RIGO, 2007, p. 4).

De acordo com Rigo (2007, p. 6), os PCNs do ensino fundamental “são decorrentes não apenas do papel formativo da língua estrangeira no currículo, mas principalmente de uma reflexão sobre a função social da língua estrangeira no país e sobre as limitações supostas sobre as condições de aprendizagem”. Assim, referindo-se especialmente ao ensino de língua inglesa, espera-se que, ao longo do ensino fundamental, o aluno esteja apto a:

- Identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras (aqui entenda-se o Inglês) que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue.
- Vivenciar uma experiência de comunicação humana, refletindo no seu dia a dia, nos costumes e maneira de agir e interagir.
- Reconhecer que o acesso desta língua ou mais línguas lhe possibilita acesso a bens culturais da humanidade.
- Construir conhecimento sistêmico sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem, nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna.
- Construir consciência e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo.
- Utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.

-Ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados (BRASIL, 1998, p. 7-8 *apud* RIGO, 2006, p. 6).

Ainda segundo os PCNs, Kezen (2003, p. 3) ressalta:

A maioria das propostas educativas no ensino de línguas já oferece uma abordagem comunicativa, mas as atividades, em geral, ainda exploram a estrutura gramatical [...] como algo desvinculado das situações de contato interpessoal e dos textos disponíveis na vida real (livros, revistas, internet, canções). O estudo de forma contextualizada é o melhor caminho porque [...] revela elementos da cultura e amplia o vocabulário dos alunos. Em outras palavras, a educação deve estar inserida no mundo.

Nesse contexto, Cristóvão (1999 *apud* BRITO, 1998 *apud* CAMPANI, 2006, p. 212) aponta cinco elementos cruciais que devem ser questionados no momento da transposição didática de um documento como os PCNs à sala de aula: [1] o aparelhamento da escola, [2] a avaliação do sistema educacional, [3] a formação profissional, [4] o estabelecimento do currículo e a [5] seleção dos livros didáticos.

Almeida Filho (2001, p. 103) destaca também a importância do documento denominado *Carta de Pelotas* – Documento Síntese do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (II ENPLE), realizado na Universidade Católica de Pelotas/RS, de 4 a 6 de setembro de 2000 – o qual se refere a uma “anunciada ou pretendida política alicerçadora das decisões e ações para todo o ensino de línguas no Brasil”:

A carta se reveste de especial importância por conter um diagnóstico global arguto da situação do ensino de línguas nas escolas brasileiras traçado por profissionais do ensino de línguas de todo o país, atrelados aos mais diversos contextos e níveis, da escola pública às escolas de línguas, do ensino fundamental ao de pós-graduação (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 103).

Segundo o autor, a *Carta de Pelotas* “se constitui numa súpula com alto potencial para discussão e proposição de ações consoantes para as questões maiores do Ensino de Línguas na perspectiva da realidade atual” (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 104).

Dentre os itens estudados, considera-se como os mais importantes:

- Todo cidadão brasileiro tem direito de ser preparado para o mundo multicultural e plurilíngue por meio da aprendizagem de línguas estrangeiras;
- Há um anseio da sociedade contemporânea em adquirir o conhecimento linguístico necessário para interagir com o mundo intra e além fronteiras;
- A aprendizagem de línguas não visa apenas a objetivos instrumentais, mas faz parte da formação integral do aluno;
- O aluno tem direito a um ensino de línguas de qualidade;
- O ensino regular não tem sido capaz de garantir o direito à aprendizagem de línguas, direito esse que acaba sendo usufruído apenas pela camada mais afliente da população;
- A falta de professores e a falta de capacitação de muitos professores não têm permitido atender às necessidades do país em termos de uma aprendizagem de línguas de qualidade (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 106-107).

Diante desse documento, Almeida Filho propõe que:

- sejam elaborados planos de ação para garantir ao aluno o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, proporcionado através de um ensino de qualidade;
- seja incentivado o estudo de mais de uma língua estrangeira;
- a língua estrangeira tenha o mesmo status das disciplinas do núcleo comum;
- se aprofundem estudos, publicações e ações implementadoras nas áreas de novas tecnologias e ensino à distância;
- sejam oferecidas oportunidades para o ensino bilíngue em comunidades cujos membros façam uso constante de outras línguas que não o Português;
- sejam criados planos e projetos para a qualificação e formação contínua de professores no âmbito dos estados e municípios;
- sejam elaborados projetos de integração entre as escolas, Secretarias de Educação e Universidades para a educação contínua de professores (ALMEIDA FILHO, 2001, p. 107-108).

3.2.2 HISTÓRICO DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL

Segundo Leffa (1999, p. 3):

A tradição brasileira é de uma grande ênfase no ensino de línguas, inicialmente nas línguas clássicas, grego e latim, e posteriormente nas línguas modernas: francês, inglês, alemão e italiano (o espanhol, só muito recentemente, considerando a perspectiva histórica, foi incluído no currículo).

A pesquisadora Antonieta Celani afirma que anteriormente o foco estava no ensino de línguas em si, enquanto hoje há outros questionamentos, como a preocupação com a necessidade de uma língua estrangeira no currículo (ALMEIDA, 2009).

Durante a Reforma Francisco Campos, de 1931, no que concerne ao ensino de idiomas, a grande mudança foi a adoção oficial no Brasil do “método direto, ou seja, o ensino da língua através da própria língua” (LEFFA, 1999). Segundo o autor, o grande destaque da época foi o professor Carneiro Leão, autor do livro “*O ensino das línguas vivas*” (1935), que baseou a aplicação do método em 33 artigos dentre os quais ressalta que “a leitura será feita não só nos autores indicados, mas também nos jornais, revistas, almanaques ou outros impressos, que possibilitem aos alunos conhecer o idioma atual do país”.

Nesse contexto, a Reforma Capanema, de 1942, afirmava que “os recursos audiovisuais, desde giz colorido, ilustrações e objetos até discos gravados e filmes são amplamente recomendados”. Enfatizava:

O ensino de línguas deve ser orientado não só para objetivos instrumentais (compreender, falar, ler e escrever), mas também para objetivos educativos (contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão) e culturais (‘conhecimento da civilização estrangeira’ e ‘capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos, inculcando [no aluno] noções da própria unidade do espírito humano’) (LEFFA, 1999, p. 10).

Para o autor, foi “a reforma que deu mais importância ao ensino das línguas estrangeiras” (LEFFA, 1999, p. 10-11). Com a Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) de 1961 e a criação do Conselho Federal de Educação, as “decisões sobre o ensino da língua estrangeira ficaram sob a responsabilidade dos conselhos estaduais de educação”, reduzindo o ensino de línguas a menos de 2/3 do que foi durante a Reforma Capanema (LEFFA 1999, p. 13). Com a LDB de 1971, “a redução de um ano de escolaridade e a necessidade de se introduzir a habilitação profissional provocaram uma redução drástica nas horas de ensino de língua estrangeira” (LEFFA, 1999, p. 14).

Somente em 1996 uma nova LDB torna obrigatório o ensino de línguas a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, enquanto no Ensino Médio seria incluída uma língua estrangeira moderna, escolhida pela comunidade, e uma segunda opcional (HISTÓRIA...).

Em seguida, são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Terceiro e o Quarto Ciclos do Ensino Fundamental de Línguas Estrangeiras. Em 1998

(5ª a 8ª séries), são listados objetivos para o ensino de línguas estrangeiras sugerindo uma abordagem sociointeracional associada à transversalidade de temas. Segundo Leffa (1999, p. 16), os parâmetros “não chegam a propor uma metodologia específica de ensino de línguas”, mas enfatizam o desenvolvimento da leitura.

No ano 2000 (PCN do Ensino Médio), a língua estrangeira assume a função de “veículo de acesso ao conhecimento para levar o aluno a comunicar-se de maneira adequada em diferentes situações”. Em 2007, a publicação do PCN+ “sugere procedimentos pedagógicos adequados às transformações sociais e culturais do mundo contemporâneo” (HISTÓRIA...).

Leffa (1999, p. 18) acredita que vivemos um período de “revitalização do ensino de línguas” e que “no momento em que se valoriza o conhecimento, cria-se um contexto favorável para a aprendizagem da língua estrangeira, veículo importante para a divulgação do conhecimento”, e conclui: “língua é informação”.

3.3 A BIBLIOTECA DAS ESCOLAS E CURSOS DE IDIOMAS

3.3.1 BIBLIOTECA ESPECIALIZADA

De acordo com Figueiredo (1979, p. 10), as bibliotecas especializadas começaram a surgir no início do século XX, acompanhando o desenvolvimento da fase industrial e em resposta ao avanço nas áreas de ciência e tecnologia, tendo seu maior período de expansão após a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Cezarino (1978, p. 229):

Foi no campo da pesquisa científica e industrial que os serviços de informação inicialmente se desenvolveram, para desempenhar uma nova função: a de proporcionar informações aos pesquisadores, antes que eles a pedissem, isto é, não só reunir, mas também disseminar informações.

Algumas condições para o aparecimento dessa nova função dos serviços de informação são explicitadas por D. J. Foskett (1969 *apud* CEZARINO, 1978, p. 229), dentre as quais “o grande aumento do número de publicações” e “a aplicação da pesquisa científica à indústria, onde a abordagem da ciência se concentra sobretudo na

solução de problemas específicos, e onde o cientista não é pago para descobrir um fato já conhecido e publicado”.

Diante dessa perspectiva, Ethel M. Johnson (1915 *apud* CEZARINO, 1978, p. 229) acredita que “enquanto a principal função de uma biblioteca geral era facilitar o acesso aos livros, a função de uma biblioteca especializada era facilitar o acesso à informação”.

Uma das definições mais conhecidas e completas sobre bibliotecas especializadas é a de Cezarino (1978, p. 231), para quem estas são:

unidades pertencentes a instituições governamentais, particulares ou associações formalmente organizadas com o objetivo de fornecer ao usuário a informação relevante de que ele necessita, em um campo específico de assunto.

Targino (1988 *apud* SALASÁRIO, 2000, p. 107), com uma visão da biblioteca especializada como biblioteca técnica, a conceitua como “aquela que tem um acervo composto de material bibliográfico técnico destinado a atender os campos de atuação de uma determinada instituição”. Nesse contexto, as bibliotecas especializadas atuam como “centros processadores da informação, [...] exercendo o papel de veicular a informação relevante para o planejamento, a tomada de decisão e a solução de problemas” (MAIA et al. 1991 *apud* SALASÁRIO, 2000).

Para Salasário (2000, p. 108), considerando acervo e usuário, a biblioteca especializada se trata de uma “unidade de informação com acervo especializado destinado à satisfação das necessidades informacionais de um público específico”.

Em relação ao público da biblioteca especializada, Miranda (2007, p. 88) afirma que se trata de “funcionários, pesquisadores, técnicos, cientistas etc. [...] instituindo uma clientela especializada e limitada”. Estes geralmente pertencem à instituição na qual a biblioteca está inserida e possuem “necessidades e exigências bastante complexas”. Figueiredo (1979, p. 9), ao comparar esse tipo de biblioteca com a biblioteca universitária, afirma ainda que ambas “visam servir uma clientela de formação superior”.

Ainda em relação ao usuário, Ferreira (1996 *apud* SALASÁRIO, 2000, p. 107) ressalta que:

toda e qualquer atividade de informação deve estar direcionada ao indivíduo pois é este que tem necessidades cognitivas, culturais e sociológicas, cabendo às bibliotecas especializadas satisfazerem estas necessidades.

Quanto às suas características, Ashworth (1967) destaca o acervo como fator principal da diferença entre a biblioteca especializada e as demais, afirmando que aquela é "uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um assunto ou sobre um grupo de assuntos em particular" (ASHWORTH, 1967, p. 1).

Figueiredo (1978, p. 156) complementa o ponto de vista do autor colocando que "as bibliotecas especializadas diferenciam-se pela sua estrutura orientada ao assunto, uma vez que as organizações maiores nas quais se inserem têm normalmente objetivos mais específicos que gerais". Segundo a autora, tais objetivos "devem nortear todas as atividades da biblioteca, dentro das áreas de conhecimento abrangido pela empresa à qual ela serve" (FIGUEIREDO, 1979, p. 10).

Destacam-se ainda os diversos tipos de organizações às quais as bibliotecas especializadas podem estar subordinadas. De acordo Figueiredo (1979), a maioria pertence a companhias industriais; entretanto:

podem existir bibliotecas especializadas em agências do governo (ministérios, autarquias, empresas semi-estatais), instituições particulares de pesquisa, sociedades profissionais, associações de comércio, instituições acadêmicas com coleções departamentais, em bibliotecas públicas com coleções especializadas de assunto, e ainda, em hospitais, bancos, escritórios [...] etc. (FIGUEIREDO, 1979, p. 10)

Miranda (MIRANDA, 2007, p. 88) resume as principais características diferenciais das bibliotecas especializadas:

- usuários com elevado nível de formação e exigentes nas suas pesquisas;
- os bibliotecários responsáveis pela biblioteca devem possuir conhecimento na área a que se destina a coleção;
- acervo composto por uma diversidade de suportes informacionais;
- interação e dependência contínua com outras bibliotecas e centros de informação da mesma especialidade;
- um alto nível de automação dos serviços, a fim de possibilitar uma melhor recuperação da informação (MIRANDA, 2007, p. 88)

Segundo a autora, “as bibliotecas especializadas devem atender às necessidades de informação das organizações ou empresas às quais se encontram subordinadas”. Nesse sentido, elas “atuam como importantes agentes disseminadores dos conhecimentos necessários nos estudos e tomadas de decisões das instituições das quais fazem parte” e seu principal objetivo consiste em “facilitar o processo de recuperação de informações específicas” (MIRANDA, 2007, p. 87-88).

Salvato (1998, p. 48 *apud* SALASÁRIO, 2000) complementa a linha de pensamento da autora, afirmando que o papel da biblioteca especializada “se baseia no suporte científico e tecnológico, necessitando de uma constante atualização para atender a demanda”.

Diante disso, Figueiredo (1979, p. 11) aponta ainda os objetivos das bibliotecas especializadas, independente de sua situação ou localização, conforme estabelecido pela Special Libraries Association: “adquirir, organizar, manter, utilizar e disseminar materiais relacionados às atividades da organização a que pertencem”.

Dentre as funções das bibliotecas especializadas, Miranda (2007, p. 88) destaca:

- fornecer informação de forma rápida e eficaz, centrada em uma área do conhecimento, buscando atender as necessidades dos usuários;
- realizar um tratamento exaustivo nos documentos, ampliando os recursos de recuperação da informação;
- disseminar seletivamente a informação;
- proporcionar o acesso a bases de dados especializadas na área de interesse da coleção da biblioteca;
- permitir a recuperação aprofundada de informações sobre assuntos específicos da área.

E, segundo Figueiredo (1978):

Em acréscimo a estas funções básicas, pesquisadores da biblioteca de empresa realizam buscas bibliográficas e compilam os dados em bibliografias e relatórios. Membros do pessoal indexam e resumem relatórios técnicos, revistas e publicações seriadas; preparam um programa de alerta corrente; fornecem serviços de tradução e publicam listas de aquisições recentes. (FIGUEIREDO, 1978, p. 158)

Para Burstein et al. (1977 *apud* SALASÁRIO, 2000, p. 111) a biblioteca especializada conta ainda com “funções mais específicas, como recreação, educação continuada e aperfeiçoamento profissional, cultural e social dos seus usuários”.

Nesse sentido, Lopes (1977 *apud* SALASÁRIO, 2000, p. 111) acredita que “a biblioteca especializada tem ainda a função de investimento educacional, cultural e social [...] importante fator para a motivação individual do usuário”.

3.3.2 BIBLIOTECA ESCOLAR

Segundo Campello (2008, p. 9), “para viver numa sociedade caracterizada por mudanças e contradições, as crianças e os jovens de hoje precisam aprender a pensar de forma lógica e criativa, a solucionar problemas, a usar informações e comunicar-se efetivamente”. Ou seja, precisam aprender a viver na chamada Sociedade da Informação. Para a autora, “essa sociedade vai exigir que os indivíduos desenvolvam habilidades específicas para lidar com a informação”, esteja essa informação registrada em fontes impressas ou eletrônicas. Tal exigência está também explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997 *apud* CORRÊA et al., 2002, p. 111), segundo os quais espera-se que o aluno “saiba utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos”.

Nesse contexto, Campello (2008, p. 18) acredita que a biblioteca corresponde a um “lugar de aprendizagem permanente, um centro de documentação onde se encontram informações que irão responder aos questionamentos levantados dentro das diversas áreas curriculares”. Andrade (2008, p. 15) vai além, ao afirmar que:

a biblioteca [...] tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do complexo processo educacional, pois pode contribuir efetivamente para preparar crianças e jovens para viver no mundo contemporâneo, em que a informação e conhecimento assumem destaque central.

Complementando o ponto de vista da autora, Campello (2008, p. 11) ressalta que “ao assumir seu papel pedagógico, a biblioteca pode participar de forma criativa do esforço de preparar o cidadão do século XXI”. Nesse sentido, segundo Corrêa et al. (2002, p. 107-108), a biblioteca escolar “possui uma clara função sócio-educativa quando integrada ao cotidiano escolar, sendo uma plataforma de encontro entre professores e alunos na complementação do ensino pedagógico”.

Destaca-se como importantíssimo instrumento de apoio didático-pedagógico e cultural, levando em consideração a grande proximidade dela com o processo de ensino-aprendizagem, onde esta necessita estar inteiramente ligada aos esforços dos educadores e não apenas constituindo um apêndice para a escola (CORRÊA et al., 2002, p. 110).

Segundo o Manifesto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para Biblioteca Escolar (2002 *apud* Moreno, 2010, p. 2), esta “promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”.

Os objetivos definidos para a biblioteca escolar podem ser sintetizados em quatro características fundamentais, conforme Corrêa et al. (2002, p. 114), os quais sejam:

- integração do currículo às necessidades dos usuários (alunos, professores e outros membros do contexto escolar);
- ajudar no desenvolvimento de indivíduos críticos e criativos;
- auxiliar no processo de ensino-aprendizagem;
- funcionar em concordância com a política escolar, objetivando o bem estar de seus usuários.

Nesse contexto, Stumpf (1987) e Oliveira (1987), citados por Hillesheim e Fachin (1999, p. 69-70), afirmam que a biblioteca escolar possui três funções básicas:

- 1) *função educativa*: precisa funcionar como elemento de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares para a melhoria da qualidade de ensino e como instrumento para a formação integral do indivíduo, que é o papel final da educação;
- 2) *função cultural e social*: colocar à disposição os produtos da cultura, isto é, livros, periódicos, fitas de vídeo, entre outros, para facilitar a expressão e a transmissão dos conhecimentos e valores para que sejam recriados e evoluam a cada nova geração. Cabe salientar que a biblioteca não é um espaço físico apenas para armazenar documentos, mas acima de tudo, é um local de convivência, onde os alunos e professores vivenciam situações de aprendizagem, trocam experiências e estabelecem relacionamentos interpessoais. Esta função social pode ser ampliada no momento em que a mesma abre as suas portas para a comunidade;
- 3) *função recreativa educativa*: possibilitar ao usuário modificar o seu conceito de biblioteca, através de atividades que o farão aprender a manejar e aproveitar os recursos que ela dispõe, sendo conduzido à leitura (recreativa e informativa), ao trabalho de pesquisa, ao material audiovisual, por prazer e não por obrigação.

Andrade (2008, p. 14), referindo-se aos resultados obtidos em pesquisa realizada na Universidade de Denver, nos Estados Unidos, demonstra que:

um bom programa de biblioteca, contando com profissional especializado, equipe de apoio treinada, acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais, computadores conectados em rede e interligando os recursos da biblioteca às salas de aula e aos laboratórios resultou no melhor aproveitamento escolar dos estudantes, independentemente das características sociais e econômicas da comunidade onde a escola estivesse localizada.

Conforme o Manifesto da UNESCO (1999, p. 2 *apud* Corrêa et al., 2002, p. 121-122) sobre as bibliotecas escolares:

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.

Nesse contexto, Litton (1974 *apud* CORRÊA et al., p. 116-117) classifica as tarefas do bibliotecário escolar em três grandes categorias:

- Tarefas administrativas:

- planejar e executar o programa bibliotecário;
- selecionar e supervisionar o pessoal de rotina necessário para o movimento do trabalho;
- integrar a biblioteca ao programa educativo;
- divulgar, junto à comunidade escolar, informações sobre seus serviços e recursos bibliográficos.

- Tarefas educacionais:

- ter conhecimento das necessidades de leitura individuais dos estudantes e de seus interesses;
- planejar com os professores diversas formas de integração do serviço bibliotecário com o programa docente da aula;
- procurar incluir ao serviço bibliotecário um caráter humano e se ocupar das necessidades individuais dos alunos, no processo de aprendizagem;
- manter-se informado das novidades, métodos e materiais educativos;
- indicar aos professores materiais para seu contínuo crescimento cultural e para o enriquecimento geral do programa docente.

- Tarefas técnicas:

- estabelecer os procedimentos para seleção, aquisição, processamento, preparação e empréstimo de materiais;
- manter uma documentação precisa do material bibliográfico e audiovisual da biblioteca;
- descartar periodicamente os materiais da biblioteca que estão deteriorados, desgastados e desatualizados;
- supervisionar a realização das tarefas de rotina que são necessárias para o bom funcionamento da biblioteca.

Silva (1995 *apud* CORRÊA et al, p. 118) ressalta ainda que “[...] ao bibliotecário escolar, visto como educador, cabe dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, com o apoio dos outros educadores da escola, como os professores e os especialistas”.

Para Quinhões (1999, p. 178 *apud* MORENO, 2010, p. 5):

[...] deveria a Biblioteca Escolar funcionar como um centro real e estimulador, pois, seus serviços junto com as atividades de intermediação da leitura, poderiam tornar o currículo mais eficaz e orientado para um melhor desempenho individual e coletivo na formação do futuro cidadão. Um acervo bem selecionado e equilibrado, colocado à disposição de professores e alunos, enriqueceria e vivificaria o processo de ensino-aprendizagem, tornando o espaço “instigante”, atraindo o usuário para a leitura e o livro e a “dinâmica de ensinar e aprender” seria fecunda e atraente.

Diante dessa perspectiva, Campello (2008, p. 11) conclui:

A biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso da informação. Ao reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia, como profissional e como cidadão.

Considerando as características, objetivos e funções da biblioteca escolar e, principalmente, sua ligação com o processo de ensino-aprendizagem, optou-se pelo enfoque sobre esse tipo de biblioteca para o desenvolvimento da pesquisa com a biblioteca da escola de cursos de idiomas, objeto de estudo desse trabalho.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado com base em três abordagens de pesquisa: pesquisa documental, pesquisa descritiva e pesquisa exploratória.

A *pesquisa documental* constitui-se de revisão de literatura elaborada a partir de levantamento bibliográfico sobre temas como: Sociedade da Informação e do Conhecimento (SIC); ensino de língua estrangeira (LE); biblioteca especializada e escolar. Foram selecionados e recuperados documentos em fontes como: livros, artigos de periódicos e/ou de revista, trabalhos apresentados em eventos, trabalhos acadêmicos como monografias e dissertações, além de *sites* na Internet.

A fim de identificar de que tipo seria essa biblioteca, realizou-se revisão de literatura sobre as características das bibliotecas especializada e escolar. Em relação ao seu acervo e público, suas características se aproximam da biblioteca especializada, uma vez que se trata, respectivamente, de material sobre uma ou mais línguas estrangeiras, nos mais variados suportes, e de estudantes dos idiomas em questão. Entretanto, a biblioteca especializada é caracterizada principalmente como uma biblioteca técnica, tendo como objetivo a disponibilização de informações para a tomada de decisões e resolução de problemas em uma área do conhecimento com a qual uma organização, instituição ou empresa trabalha. Seus serviços são específicos e especializados. Seu público tem uma formação superior. O profissional que trabalha nesse tipo de biblioteca precisa ter conhecimento e domínio da área na qual a biblioteca é especializada e manter-se constantemente atualizado.

Considerando que o foco desse trabalho é o ensino de língua estrangeira e como a biblioteca poderia servir como suporte informacional nesse sentido, considera-se que a biblioteca dos cursos idiomas tem uma relação de proximidade muito maior com a biblioteca escolar, inclusive pelo fato dela se localizar em escolas ou institutos que, conseqüentemente, têm como objetivo o processo de ensino-aprendizagem.

Após a revisão de literatura, realiza-se um estudo de caso na *Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante*, a biblioteca do CIL, objeto das outras duas pesquisas.

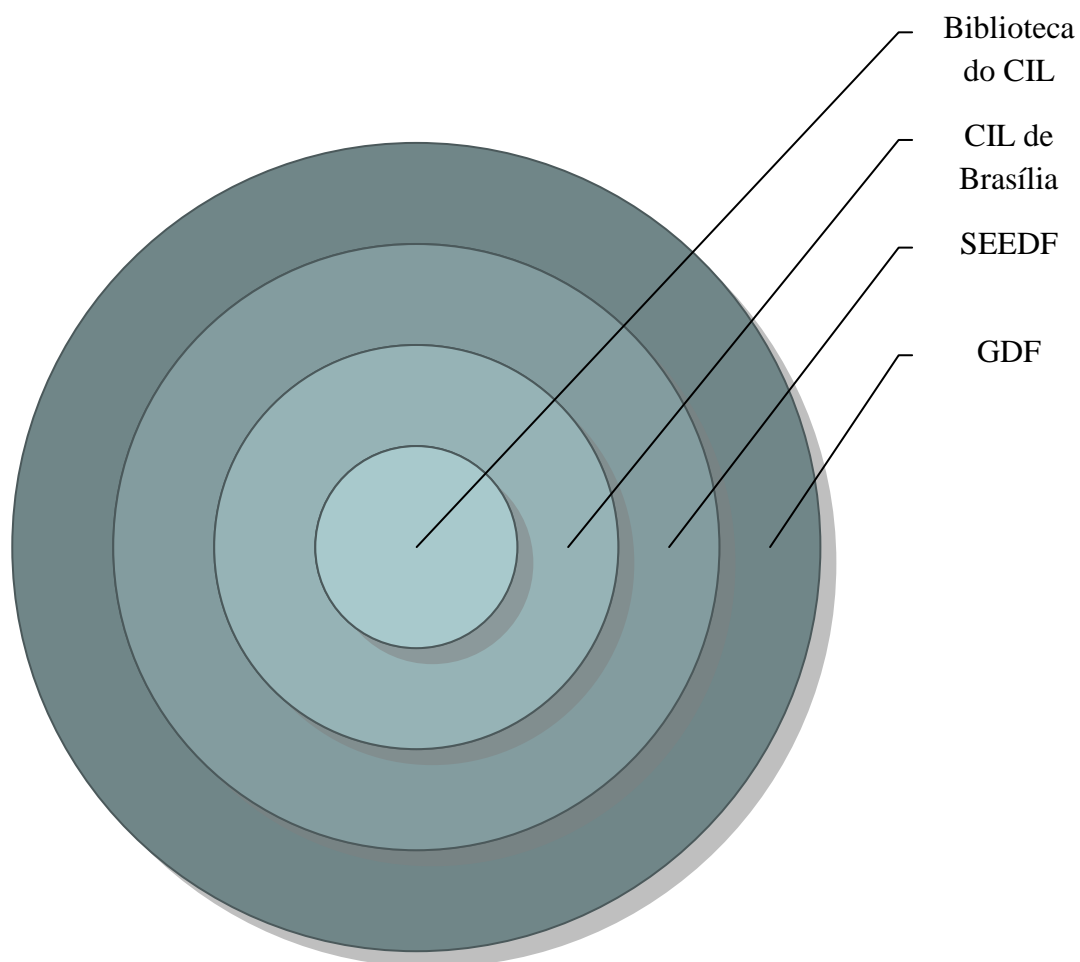
A *pesquisa descritiva* trata do reconhecimento do ambiente onde é realizado o estudo de caso e relaciona os sistemas que o compõem. É elaborada por meio de um diagnóstico e de entrevista com o profissional responsável pela biblioteca.

A *pesquisa exploratória* possibilita verificar se a biblioteca atende às necessidades de informação de seus usuários, utilizando a aplicação de questionário a ser respondido pelos mesmos quanto ao acervo e serviços oferecidos por essa unidade de informação (UI).

5 ESTUDO DE CASO

5.1 AMBIENTE DE PESQUISA

Figura 1 – Estrutura sistêmica da Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante



Fonte: Elaborado pela autora.

5.1.1 GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

De acordo com o Art. 2º do Capítulo II do Decreto Nº 32.716, de 1º de janeiro de 2011, são órgãos da administração direta do Distrito Federal: a Governadoria do Distrito Federal; a Vice-Governadoria do Distrito Federal; as 33 Secretarias, dentre as quais está a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), além das 30 Administrações Regionais.

O Art. 3º refere-se aos órgãos da administração indireta: as fundações públicas, as autarquias, as autarquias de regime especial, as empresas públicas e as sociedades de economia mista.

5.1.2 SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DF (SEEDF)

A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), nos termos do Art. 11, inciso XI, do Decreto Nº 31.195, de 21 de dezembro de 2009, atua nas seguintes áreas para o exercício de suas competências:

- a) Educação básica, compreendendo a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e a educação de jovens e adultos;
- b) Educação profissional;
- c) Educação especial;
- d) Formação de profissionais da educação;
- e) Assistência ao educando, mediante programas complementares de material didático, alimentação, saúde e transporte escolar;
- f) Infraestrutura de ensino, compreendendo construções, equipamentos, materiais escolares e manutenção da rede física de escolas.

A sua missão, segundo seu Projeto Político Pedagógico (GDF, 2011) consiste em:

proporcionar uma educação pública, gratuita e democrática, voltada à formação integral do ser humano para que possa atuar como agente de construção científica, cultural e política da sociedade, assegurando a universalização do acesso à escola e da permanência com êxito no decorrer do percurso escolar de todos os estudantes.

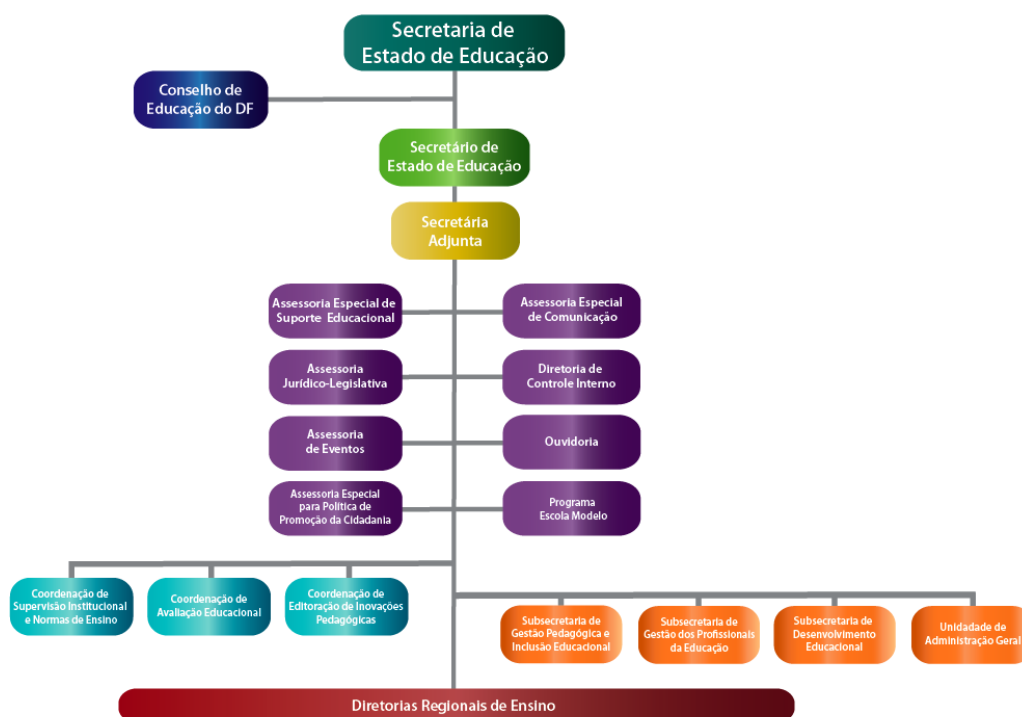
Para isso, propõe os seguintes objetivos institucionais da rede pública de ensino:

- Combater o analfabetismo, o abandono, a retenção, a evasão escolar e a distorção idade-série;
- Implementar a gestão democrática;
- Ampliar o atendimento em educação integral nas escolas da rede pública de ensino do DF;
- Assegurar a formação integral na perspectiva da cidadania, diversidade e sustentabilidade humana;

- Propiciar a prática dialógica entre os diversos segmentos da comunidade escolar e da sociedade civil;
- Assegurar processos participativos e democráticos que contribuam para a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana, valorizando a diversidade;
- Assegurar aos sujeitos educativos o acesso às novas tecnologias como instrumentos de mediação da construção da aprendizagem (PPP, 2011).

A estrutura organizacional da SEEDF pode ser visualizada através do organograma representado na Figura 1:

Figura 2 – Organograma da Secretaria de Estado de Educação do DF



Fonte: <http://www.educacaointegral.df.gov.br/>

O Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Brasília faz parte da Diretoria Regional de Ensino/PPC – Plano Piloto e Cruzeiro.

5.1.3 CENTRO INTERESCOLAR DE LÍNGUAS (CIL) DE BRASÍLIA

O Centro Interescolar de Línguas é uma escola pertencente à Rede Pública de Ensino do Distrito Federal especializada no ensino de Língua Estrangeira Moderna (LEM), oferecendo cursos nos idiomas Inglês, Espanhol, Francês e Alemão.

O CIL 01 integra a estrutura da Secretaria de Estado e de Educação do DF (SEEDF) e da Diretoria Regional de Ensino/PPC, localizando-se no endereço SGAS 907/908 Módulos 25/26 – Brasília/DF.

Figura 3 – Entrada do CIL



Fonte: http://cilbsb.com.br/?page_id=382/

Seu objetivo geral é a construção do conhecimento do aluno para que possa ler, entender, falar e escrever, ao menos, uma LEM com qualidade e eficiência, contribuindo para o desenvolvimento de competências e tendo em vista a equidade das oportunidades sociais, sua autonomia, seu acesso ao mercado de trabalho e sua formação para o exercício da cidadania.

Histórico

No início dos anos 1970, a coordenadora de inglês da então Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), Professora Nilce do Val Galante, conseguia aprovação do então Secretário de Educação do Distrito Federal, Embaixador Vladimir Murtinho, para iniciar em Brasília uma experiência que havia presenciado nos EUA: a

criação de um centro especializado no ensino de língua estrangeira e voltado para o aluno da rede pública de ensino.

Assim, surgiu o CIL 01 de Brasília segundo a Resolução nº 40 de 14 de agosto de 1975, vinculado ao Departamento de Ensino de 2º Grau da Diretoria Geral de Pedagogia pela FEDF. Inicialmente instalado em salas de aula cedidas pela Escola Normal de Brasília, o CIL de Brasília logo transferiu-se para um espaço maior cedido pelo Centro Educacional Elefante Branco atendendo alunos das escolas públicas da vizinhança – Escola Normal de Brasília, Centro Educacional Elefante Branco e Centro de Ensino CASEB. Essas escolas deixaram de oferecer a disciplina na grade curricular e enviaram seus alunos, em turno contrário ao de suas aulas, para uma complementação curricular no CIL de Brasília.

As turmas no CIL de Brasília tinham no máximo 20 alunos e eram organizadas após teste diagnóstico inicial que possibilitava o agrupamento dos alunos por nível de proficiência.

A estrutura pedagógica do CIL de Brasília embasava-se na Orientação Pedagógica nº 3 de 1994, e a partir de junho de 2006, quando foi publicado o Regimento Escolar das Instituições Públicas do Distrito Federal, passou a seguir as diretrizes pedagógicas adotadas em CILs, estabelecidas no Título IV – Capítulo 1 do referido Regimento Escolar, até a presente data.

Atualmente, o CIL de Brasília é um espaço de convivência e aprendizagem fazendo parte de um grupo de oito escolas públicas responsáveis por ministrar aulas, exclusivamente, no componente curricular de Língua Estrangeira Moderna (LEM).

Línguas Estrangeiras

Atualmente, o CIL 01 de Brasília atende aproximadamente 9.000 alunos em suas salas de aula para o estudo do componente curricular das LEM: Inglês, Espanhol, Francês e Alemão. Segue o Currículo da Educação Básica da Rede Pública de Ensino, com metodologia específica para o ensino de línguas definida em sua Proposta

Pedagógica, oferecendo dois cursos distintos, com regimes semestrais: o **Curso Pleno** e o **Curso Específico**.

No **Curso Pleno**, com duração de sete anos, os alunos são agrupados em ciclos/níveis, a saber: Juvenil – J1 e J2; Básico – B1, B2, B3, B4, B5; Intermediário – I1, I2, I3, I4; e Avançado – A1, A2, A3. As aulas são ministradas uma, duas ou três vezes por semana (em aula dupla), dependendo do nível e disponibilidade na grade horária.

No **Curso Específico**, os alunos do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 2º e 3º segmentos, ingressantes em 2010, são agrupados nos níveis E1, E2, E3, E4, E5 e E6. A duração do curso é de três anos e as aulas são ministradas em um (aula dupla) ou dois dias por semana.

Em se tratando de grupos de alunos com necessidades educacionais especiais (ANEE), a metodologia é adaptada às especificidades de cada grupo, atendendo, assim, alunos com deficiência auditiva (DA), bem como aqueles com outras deficiências, em turmas de Classe Comum e Unidade Especial.

De acordo com o Art. 260 do Regimento Escolar, poderá ser oferecida a opção de uma segunda língua aos alunos do CIL 01 de Brasília com média aritmética igual ou superior a 7,0 (sete), nos últimos 4 (quatro) semestres cursados até a data da solicitação, após o término do ciclo Básico, de acordo com a disponibilidade de vagas.

Programas

English Alive

“English Alive” é um projeto realizado com o objetivo de desenvolver as habilidades orais dos alunos e estimular a conversação real entre diferentes indivíduos. Durante as aulas, os alunos (todos de nível avançado) debatem sobre temas que eles previamente selecionaram. O foco principal das aulas é estimular a capacidade de comunicação, assim como a capacidade de transmitir ideias. Para participar do curso, é solicitada uma contribuição para a APM de R\$ 40,00.

Programa Jovens Embaixadores

O Programa Jovens Embaixadores é uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos que beneficia, com uma viagem de três semanas nos Estados Unidos, alunos brasileiros da rede pública com excelente desempenho escolar, que falam inglês, que pertencem à camada socioeconômica menos favorecida, que têm perfil de liderança, que prestam serviço voluntário, enfim, que são exemplos em suas comunidades.

Os vencedores desse concurso viajam em janeiro para um programa de três semanas aos Estados Unidos. Durante a primeira semana, visitam a capital do país, participam de reuniões em organizações dos setores público e privado e visitam escolas e projetos sociais.

Após essa primeira semana em Washington, os participantes são divididos em subgrupos e cada um viaja para um estado diferente nos EUA. São hospedados por uma família americana, assistem aulas e interagem com jovens da sua idade. Participam de atividades culturais, de responsabilidade social e de empreendedorismo e liderança e fazem apresentações sobre o Brasil.

A experiência de ser um Jovem Embaixador oferece a esses excelentes estudantes a oportunidade de expandirem seus horizontes.

Programa Pasch – Uma parceria para o futuro

É um programa coordenado pelo Ministério das Relações Exteriores em conjunto com o Goethe Institut e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) que tem como objetivo expandir a cooperação com as escolas para fortalecer ou implementar o ensino de alemão como língua estrangeira. Essa iniciativa abrange muitas escolas e o programa oferece formação continuada para alunos e professores.

Espaços pedagógicos

Segundo o *site* do CIL, a escola “conta com espaços pedagógicos diferenciados uma vez que o ensino de Língua Estrangeira Moderna precisa vivenciar atividades e situações que muitas vezes transcendem os limites de uma sala de aula”.

Sala de Recursos

A Sala de Recursos do CIL de Brasília realiza nesse espaço atendimento educacional especializado junto a estudantes diagnosticados com deficiências, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, estudantes que “ensinam toda a escola a respeitar e a trabalhar na diversidade, princípio de qualquer escola inclusiva, ou seja, democrática por excelência”.

Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, às segundas, terças e quintas, e nos turnos matutino e vespertino às quartas. Às sextas, a Coordenação de Ensino Especial reúne todos os professores das demais salas de recursos localizadas no Plano Piloto e no Cruzeiro para orientar, debater e colher sugestões.

Serviço de Orientação Educacional

O Serviço de Orientação Educacional do CIL de Brasília é um serviço oferecido nos turnos matutino, vespertino e noturno que tem a função complementar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo ação e reflexão das atividades educativas como forma de facilitar a aprendizagem e minimizar as dificuldades que interferem no desenvolvimento integral do aluno.

Ações internas:

1. orientar pais, alunos e professores.
2. divulgar, motivar e participar dos Projetos Pedagógicos, Programas de Apoio ao estudante carente, eventos pedagógicos e culturais.
3. promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos.
4. facilitar o desenvolvimento de competências e habilidades na aprendizagem de línguas estrangeiras e a formação de cidadãos atuantes.
5. favorecer uma aprendizagem mais eficaz e duradoura dos alunos.

Centro de Referência

O CIL de Brasília recebeu em março de 2010, em ato de doação pela Embaixada dos Estados Unidos, um acervo de material didático-pedagógico, mobiliário e equipamentos de informática para comporem na escola um centro de referência em Língua Inglesa.

O Centro, que não tem nenhuma relação com a Sala de Leitura/Biblioteca do CIL, atende alunos e professores de todos os Centros de Línguas da Rede Pública. Os livros e materiais são para consulta no próprio Centro de Referência e não podem ser retirados do local.

5.2 SALA DE LEITURA/BIBLIOTECA NILCE DO VAL GALANTE

Criada em novembro de 1985, a Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante tem como objetivo a disponibilização de informações relacionadas ao ensino de LEM e o atendimento aos alunos, professores e servidores do CIL.

Figura 4 – Entrada da Biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora.

Localizada no 1º andar das instalações do CIL, possui uma área de 200 m² e disponibiliza espaço para estudo e leitura. Funciona de segunda a sexta-feira durante os três turnos: no matutino, de 07:30h às 12:30h; no vespertino, de 13:30h às 18:20h e, no noturno, de 18:30h às 21:15h. No período noturno, a biblioteca funciona somente em expediente interno nas quintas-feiras e é fechada nas sextas-feiras.

Figura 5 – Balcão de atendimento



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos *recursos materiais*, a biblioteca dispõe, no seu mobiliário, de 11 estantes, sendo uma para revistas e jornais, 5 mesas para uso coletivo e 45 cadeiras. Possui ainda cabines individuais semiabertas, além de três mesas menores, com duas cadeiras cada, utilizadas para a monitoria. Quanto aos equipamentos tecnológicos, conta com 10 computadores, localizados no Laboratório de Informática.

Figura 6 – Espaço da Biblioteca



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7 – Mesas para estudo coletivo e estudo individual



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 8 – Espaço reservado para a monitoria



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos *recursos humanos*, há seis funcionários trabalhando na biblioteca, sendo dois responsáveis por turno. Todos são professores readaptados ou de disciplinas extintas. Não há bibliotecários.

Os *recursos financeiros* destinados à biblioteca são oriundos da APM, não havendo um orçamento anual.

O procedimento de *coleta* dos itens que compõem o acervo da biblioteca é realizado por meio de doações da Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) além das editoras, embaixadas e dos próprios alunos. Há também intercâmbio com outras bibliotecas, como a da Aliança Francesa. Nas etapas de seleção e descarte, os livros de interesse da biblioteca em bom estado são recolhidos para o acervo; os demais são disponibilizados para a Feira do Livro e para o “pegue/leve”. Segundo a responsável pela biblioteca, os professores participam dessas etapas.

Em relação ao *processamento técnico*, são realizados na biblioteca os procedimentos de catalogação, que ainda é feita manualmente (assim como o cadastro

dos usuários) e de classificação, o qual se utiliza da Classificação Decimal Universal (CDU) e da Tabela de Cutter. O armazenamento é feito nas estantes disponíveis na biblioteca, além dos armários localizados na área do balcão de recepção, onde ficam os livros didáticos.

O *acervo* da biblioteca é composto por aproximadamente 10.000 itens, entre livros didáticos, livros de ficção, biografias, dicionários, revistas (incluindo gibis) e jornais, além de material audiovisual.

Os *usuários* da biblioteca são em sua maioria alunos, professores e servidores do CIL. Há ainda um público externo, constituído pela comunidade local.

Segundo o *site* da instituição, “todo aluno regularmente matriculado no CIL de Brasília tem acesso a esse material no espaço da Sala de Leitura”. O *empréstimo domiciliar* é disponibilizado aos alunos associados à APM, sendo necessário o preenchimento de formulário próprio e foto 3x4 para o cadastro do usuário. O empréstimo é feito por um período de 15 dias, podendo ser renovado pelo mesmo período.

De acordo com outras informações também disponíveis no *site* do CIL, a biblioteca executa as seguintes “ações internas”:

- organização, catalogação e controle de empréstimo do acervo bibliográfico a toda a comunidade escolar;
- conservação/restauração do acervo e zelo pelo espaço da Sala de Leitura;
- execução e apoio eventual a outras tarefas auxiliares dentro do contexto escolar;
- promoção anual da Feira do Livro do CIL de Brasília;
- execução dos seguintes projetos: Sala de Referência, Laboratório de Informática, Leitura de Livro Paradidático e Banco do Livro (CIL 01 de Brasília).

Sala de Referência

Localizada nas dependências da Sala de Leitura/Biblioteca, é um espaço para uso dos professores com acervo de material didático disponível para consulta e uso. Possui mobiliário próprio e tomadas individuais para uso de *notebook*, constituindo um espaço de estudo e trabalho além da área da sala dos professores.

Laboratório de Informática

Montado com o Apoio do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – PROINFO, “é executado no âmbito do Ministério da Educação e tem o objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica” (CIL 01 de Brasília).

É usado principalmente por professores e alunos em horário de aula, sendo necessário agendamento prévio. O uso livre pelos alunos é permitido, desde que haja computadores disponíveis e mediante autorização do professor responsável pelo espaço no período.

Leitura de Livro Paradidático

Consiste da leitura de um livro paradidático por semestre, escolhido dentre dois ou três títulos. Os livros poderão ser adquiridos nas livrarias conveniadas ou lidos na Sala de Leitura, com disponibilização de fichas de leitura, atividades pré-leitura e outros. O professor poderá solicitar as atividades na Sala de Leitura.

Banco do Livro

É uma iniciativa da APM do CIL 01 de Brasília e tem como objetivo disponibilizar ao aluno com dificuldades financeiras o empréstimo do livro didático semestralmente. O aluno deverá preencher formulário próprio na Sala de Leitura, anexar os documentos necessários e contribuir com a APM, tornando-se associado.

Feira do Livro

Realizada uma vez por ano, a Feira do Livro do CIL de Brasília oferece uma variedade de livros, revistas e CDs em vários idiomas que são vendidos por preços simbólicos, a partir de R\$ 2,00 (dois reais) cada.

O material disponibilizado para a feira é oriundo de doações da comunidade escolar e de várias embaixadas, ao longo do ano, à Sala de Leitura/Biblioteca. O recurso arrecadado é revertido em benefício para a APM, que viabiliza vários projetos do CIL de Brasília.

5.3 PESQUISA EXPLORATÓRIA

5.3.1 Universo / Amostra

O universo da pesquisa é constituído pelos 9000 alunos e 80 professores do CIL, além dos seis funcionários responsáveis pela biblioteca.

Devido à amplitude do universo, foi realizada aleatoriamente uma amostra de 107 alunos e 22 professores. Foi escolhida também uma funcionária responsável pela biblioteca para a obtenção de dados, utilizados na pesquisa descritiva.

5.3.2 Coleta / Processamento

Para a coleta dos dados necessários aos objetivos da pesquisa, foram elaborados três questionários: um direcionado para a responsável pela biblioteca (Apêndice A), um para os professores (Apêndice B) e um para os alunos (Apêndice C). Todos são constituídos por questões fechadas e abertas, algumas possibilitando múltipla escolha.

O primeiro, cujo objetivo é a obtenção de dados referentes à estrutura, acervo, serviços e usuários da biblioteca, foi aplicado a uma das funcionárias da biblioteca no período da manhã do dia 30 de setembro de 2013. Os questionários direcionados aos professores e alunos foram aplicados no dia 02 de outubro de 2013, nos turnos vespertino e noturno, e no dia 07, no turno matutino.

Não foi permitida a realização da coleta de dados com os alunos em sala de aula, tendo essa sido feita dentro da biblioteca e no pátio da escola, durante os intervalos de aula. O procedimento com os professores foi possibilitado no horário de coordenação desses, que se encontravam na Sala dos Professores e na Sala de Referência, localizada dentro da biblioteca.

Após a coleta, os dados foram processados manualmente e através dos softwares Microsoft Office Word 2010 e Microsoft Office Excel 2010, os quais possibilitaram a confecção das tabelas e figuras apresentadas na análise dos dados, a seguir.

5.3.3 Análise dos dados

Pesquisa com os alunos

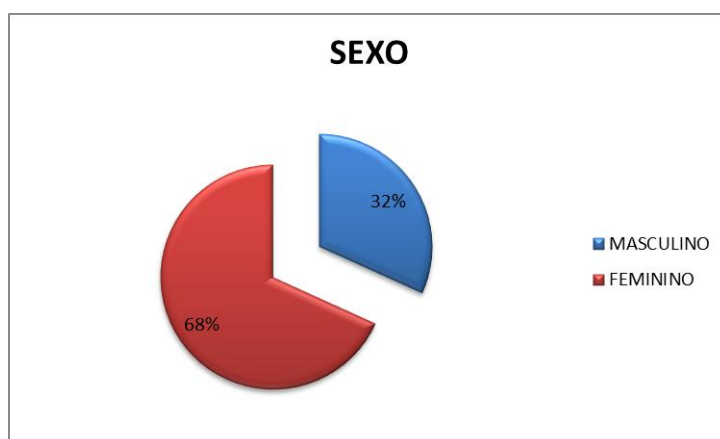
IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO

A primeira parte da pesquisa refere-se à identificação dos alunos da amostra (107 alunos) quanto a: sexo, idade, escolaridade e idioma cursado no CIL, conforme análise dos dados explicitada a seguir.

SEXO

A maior parte dos alunos entrevistados, correspondente a 68% (73) do total é do sexo feminino, enquanto 32% (34) são do sexo masculino, de acordo com a Figura 9.

Figura 9 – SEXO



IDADE

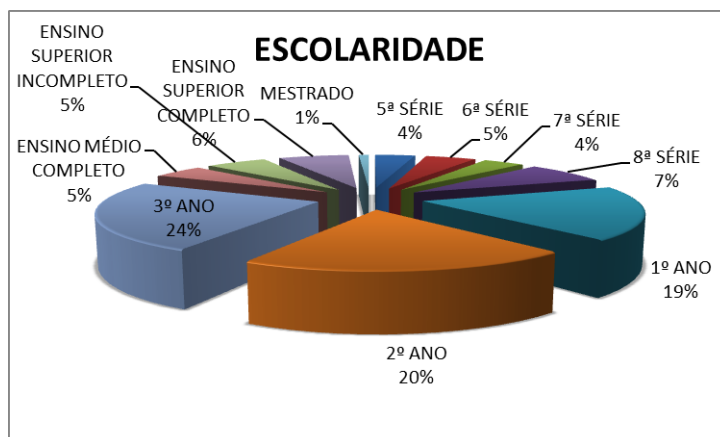
Quanto à idade dos entrevistados, a maior concentração (63,55%) se dá na faixa de 14 a 17 anos.

ESCOLARIDADE

Em relação à escolaridade, a maioria (63%) se encontra no ensino médio, conforme Figura 10: 24% (26) no 3º ano, 20% (21) no 2º ano e 19% (20) no 1º ano. Em seguida vêm os alunos da 8ª série, representando 7% (8) do total; 6% (7) possuem

ensino superior completo, seguidos pelos 5% (6) que possuem ensino superior incompleto e 5% (5) que possuem ensino médio completo.

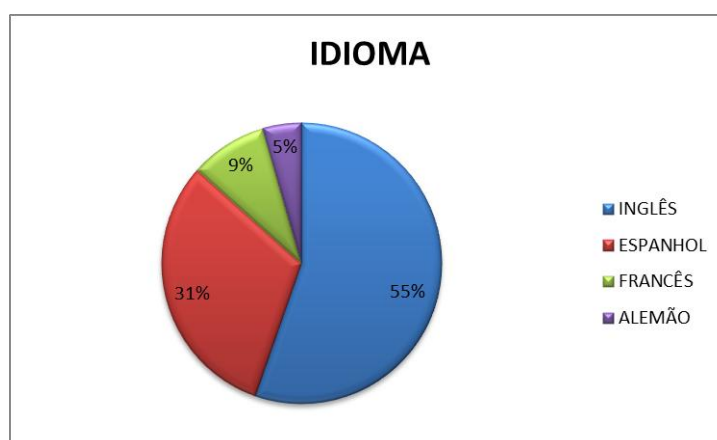
Figura 10 – ESCOLARIDADE



IDIOMA

Trata-se de uma questão de múltipla escolha, visto que é permitido aos estudantes cursarem mais de um idioma. Dessa forma, a maioria, 55% (62), respondeu ser estudante de Inglês, seguidos pelos 31% (35) que representam os alunos de Espanhol. Os estudantes de Francês totalizam 9% (10) e os de Alemão, 5% (5), como pode ser visualizado na Figura 11:

Figura 11 – IDIOMA



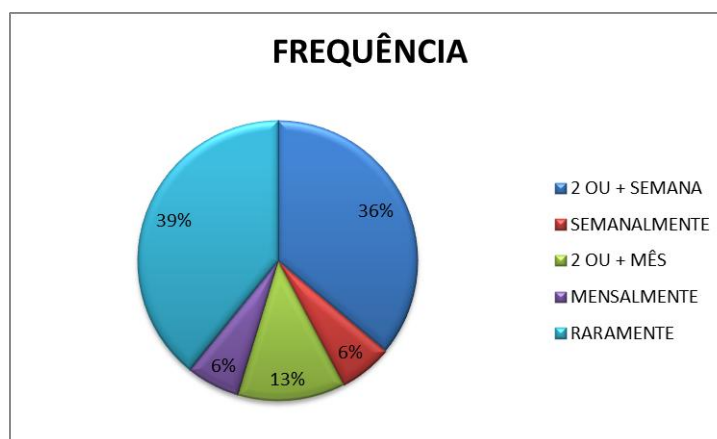
BIBLIOTECA DO CIL

A segunda parte da pesquisa demonstra a análise da frequência, da utilização do espaço, acervo e serviços da biblioteca e da opinião dos alunos sobre os mesmos.

FREQUÊNCIA

Quanto aos alunos que afirmaram frequentar a biblioteca (97 respondentes), 39% (38) raramente a frequenta, seguidos por 36% (35) que a frequenta duas ou mais vezes por semana. Em seguida, estão os que ali vão duas ou mais vezes por vez, 13% (12) e 6% (5) a frequentam semanalmente e mensalmente (Figura 12):

Figura 12 – FREQUÊNCIA

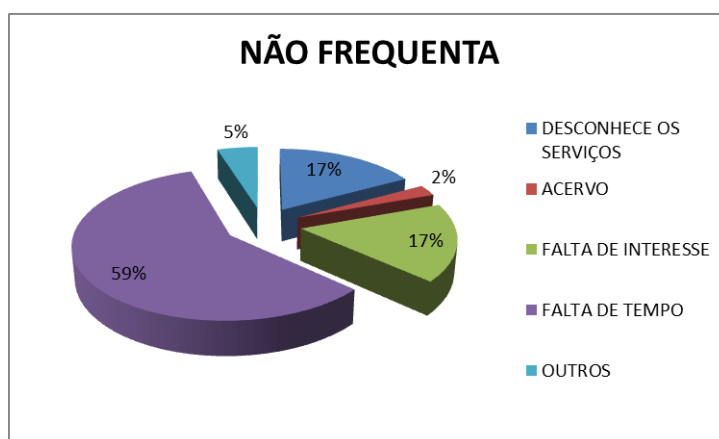


MOTIVOS PARA NÃO FREQUENTAR A BIBLIOTECA

Primeiramente, cabe destacar que houve 41 respondentes para essa questão, uma vez que, além dos 10 alunos que não frequentam, parte dos que responderam “raramente” também assinalou os motivos para sua baixa frequência.

Dessa forma, a maioria dos 41 alunos, 59% (24), afirmou não frequentar a biblioteca por “falta de tempo”. Em seguida, correspondendo ambos a 17% (7) do total, estão os que “desconhecem os serviços da biblioteca” e os que apresentam “falta de interesse”, conforme demonstra a Figura 13:

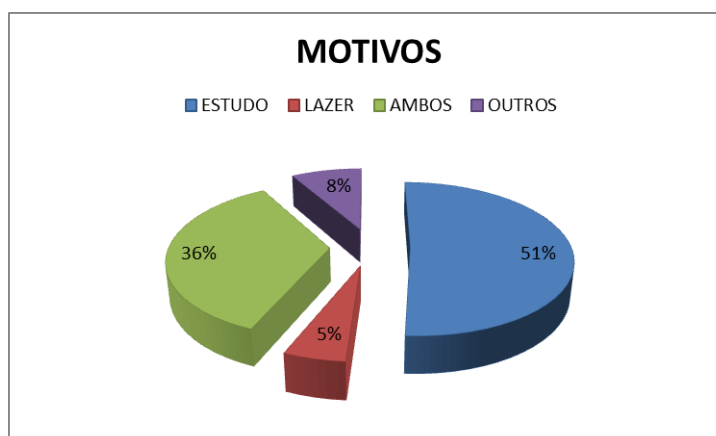
Figura 13 – NÃO FREQUENTA



MOTIVOS PARA FREQUENTAR A BIBLIOTECA

Em relação aos motivos pelos quais os alunos frequentam a biblioteca, a maior parte, 51% (49), o faz para fins de estudo. Em seguida, destacam-se os 36% (34) que ali vão por ambos os motivos: estudo e lazer; 8% (8) afirmaram frequentá-la por outros motivos, sendo que 5 citaram “monitoria”; apenas 5% (5) estão ali por lazer, como pode ser visualizado na Figura 14:

Figura 14 – MOTIVOS



HORÁRIO

Em relação aos horários de funcionamento da biblioteca, a maioria dos alunos, 65% (64), afirmou frequentá-la no turno vespertino, seguidos por 21% (20) que vão no turno matutino e 13% (13) que o fazem no turno noturno, de acordo com a Figura 15:

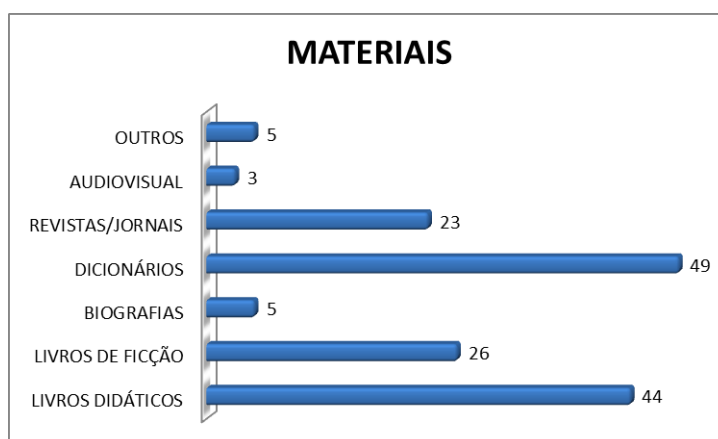
Figura 15 – HORÁRIO



MATERIAIS

Sobre os diferentes tipos de materiais disponíveis no acervo utilizados pelos alunos, destacam-se primeiramente os dicionários, seguidos pelos livros didáticos. Em seguida, foram assinaladas as alternativas “livros de ficção” e “revistas e jornais”, respectivamente. Os alunos que marcaram a opção “outros” referiram-se todos aos gibis, disponíveis na biblioteca nas línguas estudadas. A questão possibilitava marcar mais de uma alternativa, e sua análise pode ser visualizada na Figura 16:

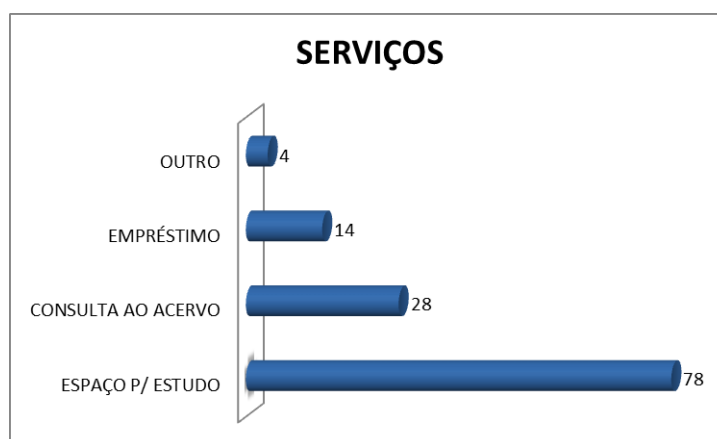
Figura 16 – MATERIAIS



SERVIÇOS

Em relação aos serviços oferecidos pela biblioteca, a maioria afirmou utilizar o espaço para estudo. Em seguida, destacam-se os que realizam consulta ao acervo. Somente metade marcou a opção “empréstimo domiciliar” – o que provavelmente se deve ao fato da necessidade de pagamento de uma taxa para a utilização do serviço. A questão possibilita a marcação de mais uma resposta (Figura 17):

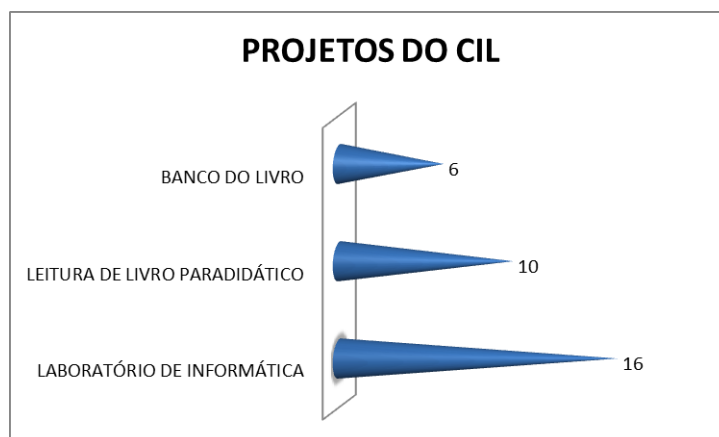
Figura 17 – SERVIÇOS



PROJETOS DO CIL

A questão seguinte refere-se aos projetos do CIL executados pela biblioteca, que não são obrigatórios aos alunos. Dentre eles, destaca-se primeiramente a utilização do “Laboratório de Informática”, seguida pela “Leitura de Livro Paradidático” e pelo “Banco do Livro”, respectivamente, conforme Figura 18:

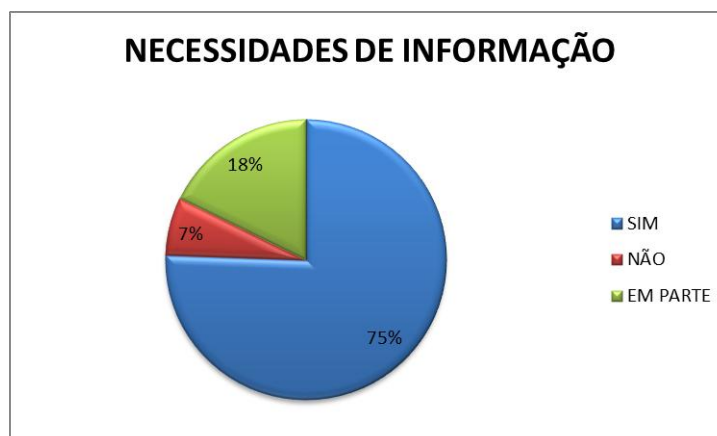
Figura 18 – PROJETOS DO CIL



NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO

Em relação à satisfação das suas necessidades de informação, 75% (68) dos alunos responderam “sim”, estas são atendidas pela biblioteca. 7% (6) responderam que “não” e 18% (16) que “em parte”, de acordo com a Figura 19:

Figura 19 – NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO



As duas últimas alternativas solicitavam uma *justificativa* por parte do respondente.

Os que marcaram a alternativa “não” se referiram todos ao *acervo*. Uma das respostas foi: “Apesar de ter um bom acervo, poderia melhorar”. Os demais respondentes se referiram principalmente à desatualização do material da biblioteca (3), à pouca variedade dos livros (2) e à falta de material de consulta em outras línguas (1).

Os que afirmaram que a biblioteca atende suas necessidades “em parte” que se referiram ao *acervo*, também ressaltaram a falta de material em outros idiomas (2) e a falta de material atualizado. Foi mencionada a dificuldade de acesso à Internet (2) e o fato de a biblioteca nem sempre ficar aberta por não haver bibliotecário (1).

ESCOLA / BIBLIOTECÁRIO / PROFESSORES

Três questões demandavam uma resposta sobre três itens, que estão agrupados na Tabela 1:

Tabela 1 – A Biblioteca no CIL (alunos)

	SIM	NÃO	TOTAL
Importância da escola ter uma biblioteca	103	---	103
Necessidade de um bibliotecário na biblioteca	101	2	103
Incentivo ao uso da biblioteca por parte dos professores	67	36	103

SUGESTÕES E OBSERVAÇÕES

Quanto ao último item pesquisado, foi solicitado que os alunos contribuíssem com suas sugestões e observações para o melhor funcionamento da biblioteca. As repostas obtidas foram agrupadas nas seguintes categorias:

Estrutura/Ambiente/Espaço/Mobiliário

- Oferecer mais espaço;
- Oferecer mais conforto nas mesas;
- Manter o funcionamento constante do ar condicionado, principalmente em tempos mais quentes.

Acervo

- Disponibilizar mais material em outros idiomas além do Inglês, incluindo o Português (6);
- Disponibilizar mais livros no geral: livros didáticos, livros de ficção, gibis e outros (4);
- Disponibilizar mais material atualizado e recente (4);
- Disponibilizar mais variedade/diversidade de livros (4).

Computadores/Tecnologia

- Possibilitar maior acesso ao uso do Laboratório de Informática (3);
- Possibilitar maior acesso ao uso da Internet para pesquisa (3);
- Disponibilizar *wi-fi* na biblioteca (3).

Serviços

- Oferecer mais informações sobre a biblioteca e seu funcionamento por meio de divulgação e incentivo ao uso do seu espaço, acervo e serviços (11);
- Proporcionar maior dinamismo em relação às atividades e projetos desenvolvidos na biblioteca, “com bibliotecários mais envolvidos” (3);
- Dispor de mais monitores para outros idiomas;
- Dispor de uma sala separada para a monitoria.

Atendimento

- Manter a biblioteca aberta mesmo nos intervalos entre os turnos (4);
- Dispor de profissionais capacitados para auxílio ao usuário (3).

Normas/Regras

- Possibilitar o empréstimo domiciliar sem necessidade de pagamento de taxa (5);
- Pedir silêncio aos frequentadores (4).

Elogios / Pontos fortes

- “A biblioteca é excelente”.
- “Do meu ponto de vista, a biblioteca da escola está ótima”.
- “Acho a biblioteca muito boa”.
- “Espero que continue da mesma forma, pois está indo bem”.
- “Na minha opinião está tudo bem”.

Pesquisa com os professores

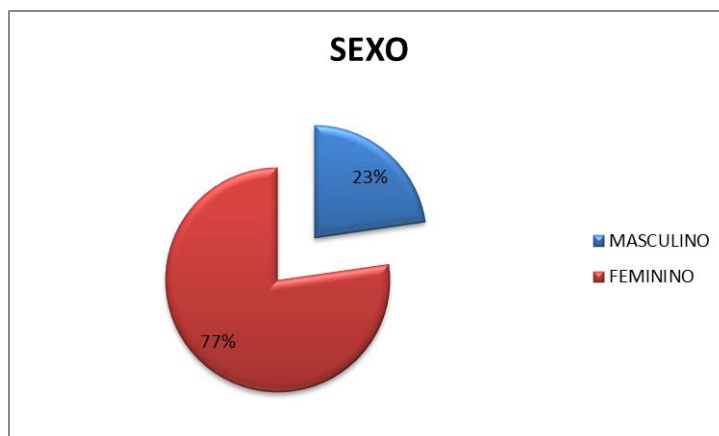
IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO

A primeira parte da pesquisa refere-se à identificação dos professores quanto a: sexo, idade, escolaridade e idioma lecionado no CIL, conforme análise dos dados explicitada a seguir.

SEXO

A maior parte dos professores entrevistados, correspondente a 77% (17) do total (22 professores) é do sexo feminino, enquanto 23% (5) são do sexo masculino, de acordo com a Figura 20:

Figura 20 – SEXO



IDADE

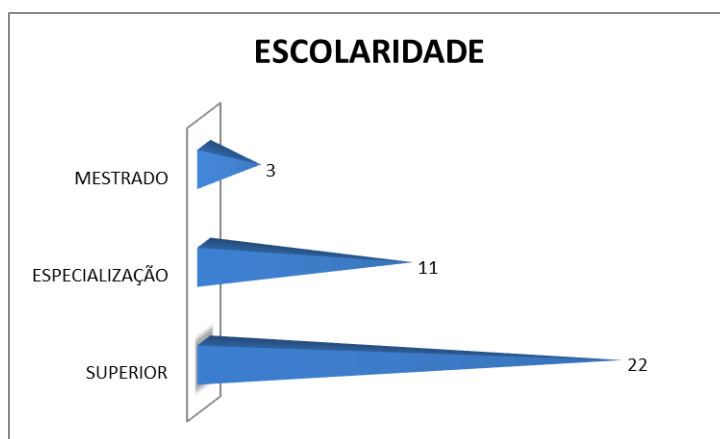
Quanto à idade dos entrevistados, a concentração (68%) se dá na faixa de 30 a 49 anos.

ESCOLARIDADE

Em relação à escolaridade dos professores, todos (22) possuem ensino superior. Metade (11) cursou também alguma especialização e 3 apresentam mestrado, conforme Figura 21 a seguir. As respostas que se destacaram foram: para o ensino superior,

“Letras Espanhol” (6) e “Letras Inglês” (5); para a especialização, “Psicopedagogia” (3) e, para o mestrado, “Linguística Aplicada ao Ensino de LE” (2).

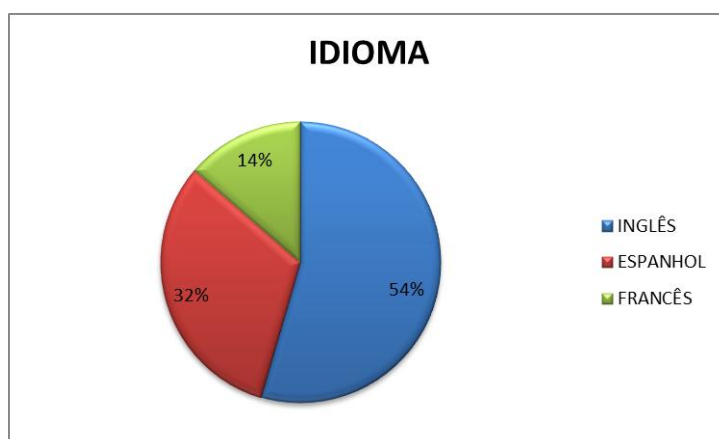
Figura 21 – ESCOLARIDADE



IDIOMA

Quanto aos idiomas lecionados, 54% (12) dos respondentes são professores de Inglês, 32% (7), de Espanhol e 14% (3), de Francês. Dentre os entrevistados, nenhum era professor(a) de Alemão), como pode ser visualizado na Figura 22:

Figura 22 – IDIOMA



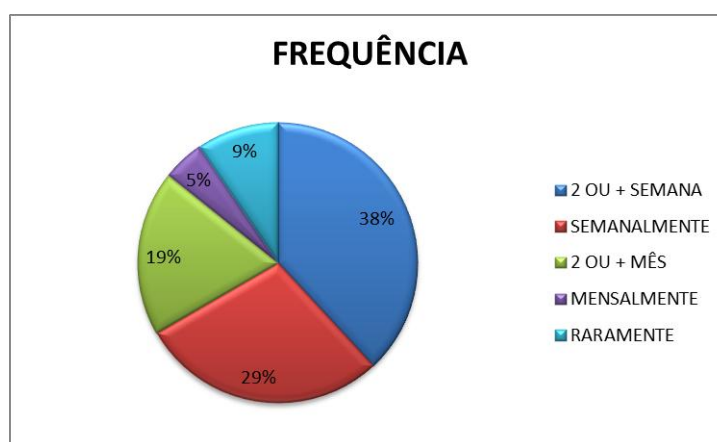
BIBLIOTECA

A segunda parte da pesquisa demonstra a análise da frequência, da utilização do espaço, acervo e serviços da biblioteca e da opinião dos professores sobre os mesmos.

FREQUÊNCIA

Quanto aos professores que afirmaram frequentar a biblioteca (21 respondentes), 38% (8) a frequentam duas ou mais vezes por semana, seguidos por 29% (6) que a frequentam semanalmente. Em seguida, estão, respectivamente, os 19% (4) que vão duas ou mais vezes por mês, os 9% (2) que raramente a frequentam e os 5% (1) que apresentam frequência mensal (Figura 23):

Figura 23 – FREQUÊNCIA

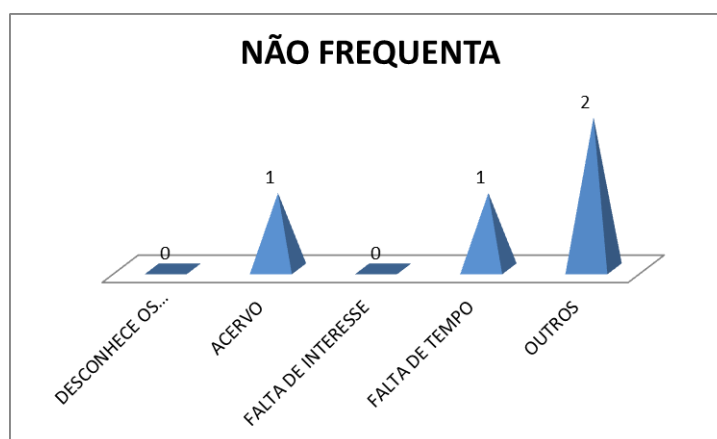


MOTIVOS PARA NÃO FREQUENTAR A BIBLIOTECA

Apesar de, dentre os professores entrevistados, somente um afirmar não frequentar a biblioteca, os dois que responderam “raramente” à também assinalaram os motivos para a baixa frequência à biblioteca.

Dessa forma, houve duas marcações para a alternativa “outros”, que apresentaram os seguintes comentários: “não necessito” e “muito barulho”. Em seguida, aparece uma marcação para a opção “acervo insuficiente/desatualizado/desorganizado/mal conservado” e uma para a opção “falta de tempo”, conforme demonstra a Figura 24:

Figura 24 – NÃO FREQUENTA



MOTIVOS PARA FREQUENTAR A BIBLIOTECA

Em relação aos motivos pelos quais os professores frequentam a biblioteca, a maior parte, 40% (10), marcou a opção “outros”, sendo que 4 citaram “trabalho”. Em seguida, destacam-se os 32% (8) que o faz para fins de estudo e, logo atrás, estão os 28% (7) que vão por ambos os motivos anteriormente apresentados: estudo e lazer; ninguém marcou a opção “lazer”, como pode ser visualizado na Figura 25:

Figura 25 – MOTIVOS

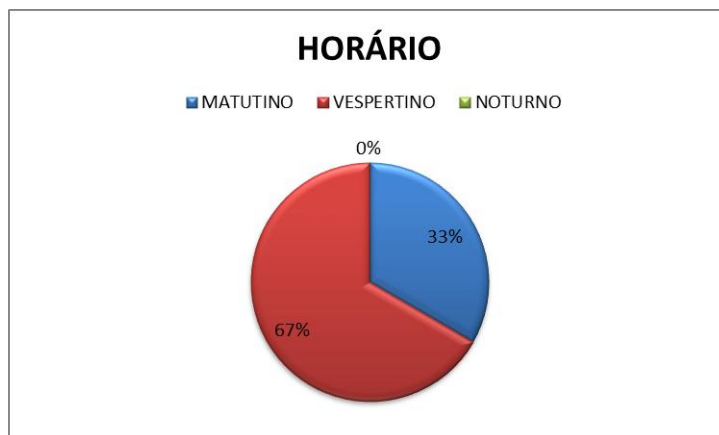


HORÁRIO

Em relação aos horários de funcionamento da biblioteca, a maior parte dos professores, 67% (18), afirmou frequentá-la no turno vespertino, seguidos pelos 33% (9) que o fazem no turno matutino; não houveram marcações para o turno noturno

(Figura 26). Cabe observar que a questão possibilitava mais de uma resposta, tendo havido 27 marcações por parte dos respondentes.

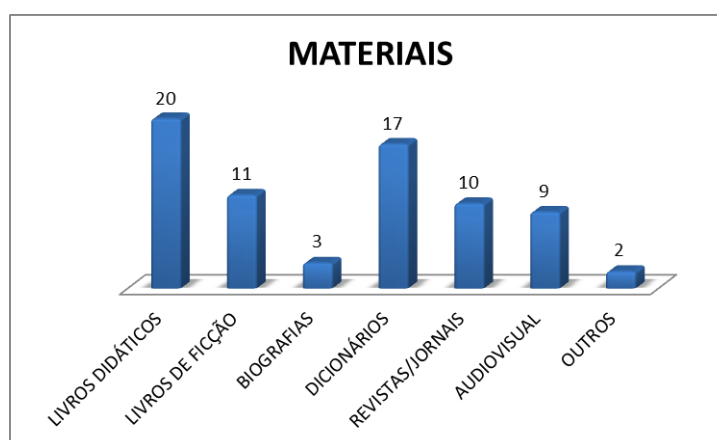
Figura 26 – HORÁRIO



MATERIAIS

Sobre os diferentes tipos de materiais disponíveis no acervo utilizados pelos professores, destacam-se primeiramente os livros didáticos, seguidos pelos dicionários. Em seguida, foram assinaladas as alternativas “livros de ficção”, “revistas e jornais”, e “material audiovisual”, respectivamente. A questão possibilitava marcar mais de uma alternativa, e sua análise pode ser visualizada na Figura 27:

Figura 27 – MATERIAIS



SERVIÇOS

Em relação aos serviços oferecidos pela biblioteca, a maioria dos professores assinalou a alternativa “consulta ao acervo”. Em seguida, destacam-se os que utilizam o espaço para estudo. Aproximadamente metade desse número marcou a opção “empréstimo domiciliar”. A questão também possibilitava a marcação de mais uma resposta (Figura 28):

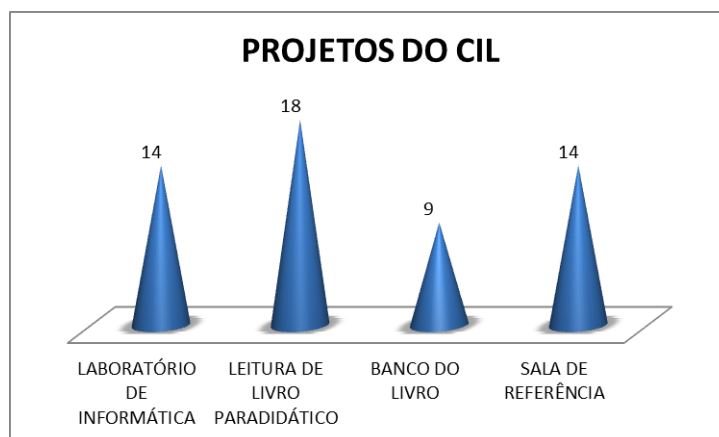
Figura 28 – SERVIÇOS



PROJETOS DO CIL

Em relação à sua utilização pelos professores, destaca-se em primeiro lugar a “Leitura de Livro Paradidático”. A “Sala de Referência” é o segundo serviço/espço mais utilizado, juntamente com o “Laboratório de Informática”. Em seguida, segue a opção “Banco do Livro”, conforme Figura 29:

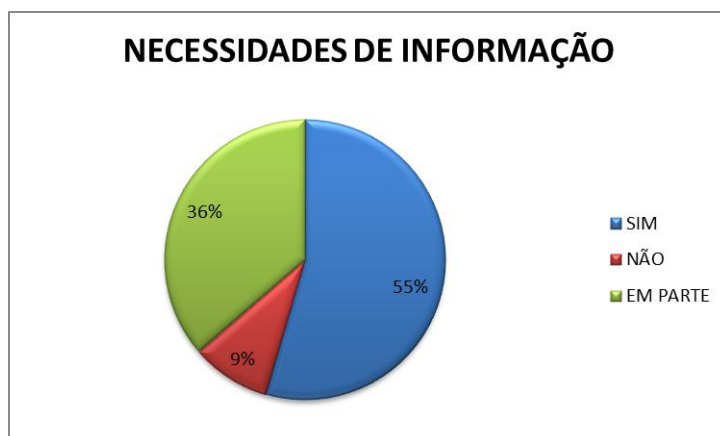
Figura 29 – PROJETOS DO CIL



NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO

Em relação à satisfação das suas necessidades de informação, 55% (12) dos professores responderam “sim”, estas são atendidas pela biblioteca. 9% (2) responderam que “não” e 36% (8) que “em parte”, de acordo com a Figura 30:

Figura 30 – NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO



As duas últimas alternativas solicitavam uma *justificativa* por parte do respondente.

Os que marcaram a alternativa “não” se referiram à sujeira em relação ao ambiente e ao material (2), à desatualização do acervo (2), à falta de projetos “de estímulo à leitura junto aos alunos e professores” e ao barulho no local.

Os que afirmaram que a biblioteca atende suas necessidades “em parte” mencionaram a falta de “um cadastro geral de livros que possa ser consultado por qualquer pessoa”, a maior quantidade de itens de um idioma em detrimento de outro e a pouca quantidade de computadores para consulta, além da necessidade de haver mais profissionais na biblioteca.

ESCOLA / BIBLIOTECÁRIO / INCENTIVO / AULAS

As quatro questões seguintes demandavam uma resposta afirmativa ou negativa por parte dos professores e foram agrupadas na tabela a seguir, com suas respectivas respostas.

Tabela 2 – A Biblioteca no CIL (profissionais)

	SIM	NÃO	TOTAL
Importância da escola ter uma biblioteca	22	---	22
Necessidade de um bibliotecário na biblioteca	21	1	22
Incentiva os alunos a usarem a biblioteca	22	---	22
Utiliza os materiais e recursos da biblioteca nas aulas	21	1	22

INTERAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES

Esta questão seguinte tem por objetivo verificar se os professores consideram importante a interação entre eles e os profissionais bibliotecários. Todos responderam afirmativamente à pergunta, a qual solicitava uma justificativa. Dentre essas destaca-se o conhecimento do acervo, além da importância do apoio mútuo na realização de trabalhos e projetos em benefício dos alunos.

Em resposta às três últimas perguntas do questionário aplicado à responsável pela biblioteca, ela afirma que a interação entre bibliotecários e professores é importante para o compartilhamento de informações e que isso ocorre na escola através de reuniões pedagógicas.

SUGESTÕES E OBSERVAÇÕES

A última questão, aberta, solicitava que os professores contribuíssem com suas sugestões e observações para o melhor funcionamento da biblioteca. As repostas obtidas foram agrupadas nas seguintes categorias.

Estrutura/Ambiente/Espaço/Mobiliário

- Retirar materiais sem uso da Sala de Referência;
- Disponibilizar mais tomadas elétricas na Sala de Referência;
- Disponibilizar um Laboratório de Informática mais amplo.

Processamento/Organização

- Informatizar o acervo.

Acervo

- Disponibilizar mais material atualizado e recente (4);
- Disponibilizar mais livros paradidáticos (2);
- Melhorar o acervo.

Computadores/Tecnologia

- Possibilitar maior acesso ao uso da Internet para os alunos.

Serviços

- Dispor de contadores de histórias em todas as línguas (2);
- Oferecer projetos dinâmicos de leitura e produção de textos;
- Oferecer uso de áudio para compreensão auditiva.

Atendimento

- Aumentar a quantidade de funcionários (2);
- Dispor de bibliotecários por formação e não professores readaptados;
- Dispor de bibliotecários que dominem ao menos dois idiomas.

Normas/Regras

- “Ensinar aos alunos que é um espaço de silêncio”.

Elogios / Pontos fortes

- “Nossa biblioteca conta com um espaço muito bom”.
- “Apesar de não serem bibliotecários, os atuais professores que trabalham na biblioteca fazem verdadeiro milagre e conseguem manter a biblioteca organizada e em ótimo funcionamento. O que falta na biblioteca não é culpa deles. Entretanto falta mais criatividade.”
- “Maior apoio da Secretaria de Educação”.

Foram apresentadas também, pela responsável pela biblioteca, as seguintes sugestões:

- Informatizar o acervo;
- Oferecer cursos de atualização para os professores readaptados que atuam na biblioteca.

6 CONCLUSÃO

A Sociedade da Informação e do Conhecimento é uma realidade, na qual as maiores fontes de poder são a informação e o conhecimento. As novas tecnologias possibilitaram um acesso ainda maior à informação tanto em relação à quantidade quanto à diversidade, inclusive em relação à sua origem. A globalização e o advento da *World Wide Web* facilitaram o acesso às informações disponíveis por todo o mundo, nos mais diferentes idiomas. Apesar de toda essa disponibilidade em quantidade e variedade, somente aqueles que possuem as habilidades necessárias podem fazer real uso dessa informação e transformá-la em conhecimento. Essas capacidades não se resumem a conseguir utilizar um computador e “navegar” na Internet, mas ter competências para buscar o que vai satisfazer suas necessidades de informação, competências essas que incluem, entre outras coisas, o conhecimento de uma ou mais línguas estrangeiras.

“Língua é informação”: a citação de Leffa (2002) pode reafirmar a motivação dessa monografia. O aprendizado de uma língua estrangeira implica muito mais que um aumento no número de oportunidades no mercado de trabalho: possibilita, principalmente, um maior conhecimento da diversidade cultural que nos cerca, atuando como um veículo que nos permite circular com maior facilidade e compreensão pelo mundo e ampliando o papel dos indivíduos como cidadãos.

O acesso ao ensino é direito de todos, não apenas daqueles que se encontram em idade escolar. O aprendizado é, sim, mais fácil quanto antes iniciado, porém, principalmente em se tratando de outros idiomas, a questão da motivação própria é uma das mais importantes. Essa motivação não deve estar presente apenas no momento em que se decide aprender uma nova língua, mas durante todo o tempo de estudo. É preciso perseverança, interesse, dedicação e disciplina para concluir um curso de, em média, cinco anos de duração. A disponibilidade de um local onde se possa encontrar material para estudo e outros além dos livros didáticos e dicionários, como livros de ficção e material audiovisual, no idioma estudado, muito pode contribuir. Nesse contexto, buscou-se por meio desse trabalho conhecer a Biblioteca da escola de cursos de idiomas.

A Sala de Leitura/Biblioteca Nilce do Val Galante foi escolhida para a realização do estudo de caso pelo fato do CIL ser um centro de línguas voltado para os alunos da rede pública de ensino para além dos limites do ensino regular. Como visto na revisão de literatura, esse ensino no Brasil, tanto nas escolas públicas como nas particulares, não tem sido suficiente, fazendo com que muitos busquem pelos cursos de idiomas.

O CIL, de acordo com as informações disponibilizadas no seu *site*, tem como objetivo geral, além do desenvolvimento no aluno das habilidades necessárias para o aprendizado de uma LEM, “a equidade das oportunidades sociais, sua autonomia, seu acesso ao mercado de trabalho e sua formação para o exercício da cidadania”. Para isso, “conta com espaços pedagógicos diferenciados, uma vez que o ensino de LEM precisa vivenciar atividades e situações que muitas vezes transcendem os limites de uma sala de aula”, como o da Sala de Leitura/Biblioteca.

Os resultados obtidos na pesquisa realizada com os alunos e professores, incluindo as observações e sugestões dos dois tipos de usuários, demonstram que a Biblioteca é participante do processo de ensino e aprendizagem. Porém, assim como a realidade da biblioteca escolar no Brasil ainda está aquém daquela sugerida pela literatura, principalmente nas escolas públicas, situação semelhante foi verificada na biblioteca do CIL.

A presença da tecnologia também não pode mais ser ignorada pelas bibliotecas nos dias de hoje. É essencial a informatização do acervo para uma maior facilidade no registro e recuperação dos itens – ainda mais quando este conta com milhares de itens, como o do CIL. A tecnologia também faz parte da vida dos alunos, que têm direito a usufruir de computadores com Internet na biblioteca, principalmente considerando que vários ainda não possuem esses equipamentos em suas casas.

Apesar das suas instalações, acervo e serviços se encontrarem em condição superior àquelas encontradas na maioria das escolas públicas, deve-se considerar que a presença de um bibliotecário nessas unidades de informação, assim como nas bibliotecas escolares tornará mais eficiente e eficaz todo o trabalho e os resultados a serem obtidos. Em se tratando de uma biblioteca com acervo em língua estrangeira, esse

profissional precisa também ter conhecimento de idiomas tanto para trabalhar com o acervo quanto para auxiliar o usuário nas suas pesquisas. O bibliotecário também pode atuar, dentro das suas capacidades, como educador, conforme a literatura preconiza, trabalhando conjuntamente com o professor por meio de orientação quanto a novas aquisições e recursos disponíveis na biblioteca, além do desenvolvimento de projetos em grupo.

É necessário o reconhecimento por parte das instituições responsáveis, tanto pelo ensino de língua estrangeira quanto por uma biblioteca que sirva como suporte informacional nesse processo, o que demonstra a validade da continuidade de estudos como esse trabalho. Pesquisas futuras poderiam contribuir para um melhor desempenho da Biblioteca de cursos de idiomas, estudando-se, por exemplo: coleta, organização e disseminação de informações em recursos multimídias e automatizadas, inclusive para cursos de educação à distância (EAD).

A maior divulgação por parte dessas unidades de informação do seu acervo e serviços e da abertura do seu espaço para a comunidade, mesmo que sob condições diferenciadas daquelas oferecidas ao aluno, poderia muito contribuir com a missão educativa e social da biblioteca e o papel do ensino de língua estrangeira como instrumento de inserção do indivíduo no mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Por uma política de ensino de (outras) línguas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 37, p. 103-108, jan./jun. 2001.

Disponível em:

<<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/2396/1847>>. Acesso em: 30 maio 2013.

ALMEIDA, Daniela. Antonieta Celani fala sobre o ensino de Língua Estrangeira. *Nova Escola*, [São Paulo], n. 222, maio 2009. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 13-15.

ASHWORTH, Wilfred. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Lisboa: Calouste Gilbenkian, 1967.

BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação.

Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/214>>. Acesso em: 14 maio 2013.

CAMPANI, Daiana. Reflexões sobre ensino de línguas materna e estrangeira no Brasil: aproximações, distanciamentos e contradições. *Linguagem & Ensino*, v.9, n.2, p. 201-221, jul./dez. 2006. Disponível em:

<<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/171>>. Acesso em: 30 maio 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A competência informacional na educação para o século XXI. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 9-11.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Biblioteca e Parâmetros Curriculares Nacionais. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2008. p. 17-19.

CARVALHO, Olívia Bandeira de Melo. Os “incluídos digitais” são “incluídos sociais”? Estado, mercado e a inserção dos indivíduos na sociedade da informação. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 19-31, mar./2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/294/184>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo : Paz e Terra, 1999. v. 1.

CEZARINO, Maria A. da Nóbrega. Bibliotecas especializadas, centros de documentação, centros de análise da informação: apenas uma questão de terminologia? *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 218-241, set. 1978.

CHAGURI, J. P. A importância da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental. In: O DESAFIO DAS LETRAS, 2, 2004, Rolândia. *Anais...* Rolândia: FACCAR, 2005. 08 f. Disponível em: <<http://www.linguaestrangeira.pro.br/index.php/artigos-e-papers/55-artigos-em-portugues/211-a-importancia-do-ensino-de-lingua-inglesa-nas-series-iniciais-do-ensino-fundamental.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. *Bibliotecário Escolar: Um educador?* In: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina. Volume 7, nº 1, 2002. Disponível em: <revista.acbsc.org.br/>. Acesso em: 04 maio 2013.

FIGUEIREDO, Nice. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002354&dd1=bb4c3>>. Acesso em: 30 maio 2013.

FIGUEIREDO, Nice. Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas: uma revisão de literatura. *Revista de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.11, n. 3/4, p. 155-168, jul./dez. 1978.

HINOJOSA, Fedra Rodríguez; LIMA, Ronaldo. A tradução como estratégia de interculturalidade no ensino de língua estrangeira. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. prelo, p. 01-10, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-hinojosa-traducao-estrategia-interculturalidade.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

HISTÓRIA do ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil. Jun. 2011. Disponível em: <http://www.slideshare.net/silvana_pohl/histria-do-ensino-de-lnguas-estrangeiras-no-brasil>. Acesso em: 31 mar. 2013.

KEZEN, Sandra. O ensino de língua estrangeira no Brasil. Faculdade de Direto de Campos. Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes, 2003. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~marizalmeida/interculturalidade/ensino_les_br.doc>. Acesso em: 31 mar. 2013.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 2001, Goiânia. *Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras*. Goiânia: UFG, 2002. v. 1, p. 95-108. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/comunidades.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro : Editora Rio, 1982.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. *Informação e Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 96-105, jan./abr. 2007. Acesso em: 08 jun. 2013.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. *Biblioteca escolar: a formação através da leitura e da construção de sentidos*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/8/trabalhoRSRodrigoMoreno.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2013.

PANDOLFI, M.A.; TOSQUI, P.. Cultura e Sociedade no ensino de línguas para o turismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=43187>>. Acesso em: 30 maio 2013.

RIGO, Rosângela. *A importância do ensino da língua inglesa no ensino fundamental*. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-ensino-da-lingua-inglesa-no-ensino-fundamental/3657/>>. Acesso em: 30 maio 2013.

SALASÁRIO, Maria Guilhermina da Cunha. Biblioteca especializada e informação: da teoria conceitual à prática na biblioteca do laboratório de mecânica de precisão - LMP/UFSC. *R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 5, n. 5, 2000.

SCHÜTZ, Ricardo. *Motivação e desmotivação no aprendizado de línguas*. Online. 10 de novembro de 2003. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

SOUZA, Joseilda Sampaio; BONILLA, Maria Helena Silveira. Exclusão / inclusão: elementos para uma discussão. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 133-146, mar./2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/289/199>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento. In: MELO, José Marques de; SATHLER, Luciano (Orgs.). *Direitos à comunicação na sociedade da informação*. São Bernardo do Campo, SP : Umesp, 2005. 288 p.

TRAMONTE, Cristiana. Ensino de língua estrangeira e socialização do saber: abrindo caminhos para a cidadania. In: 3ER CONGRESO VIRTUAL DE ANTROPOLOGÍA Y ARQUEOLOGÍA, 2002, Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología. Disponível em: <www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/cristiana_tramonte2.htm>. Acesso em: 30 maio 2013.

APÊNDICE A - Questionário aplicado ao responsável pela biblioteca**1. Quais são os principais *objetivos* da Biblioteca?**

2. Quanto à *estrutura* da Biblioteca:

- a) Qual é a área total? ____ m²
- b) Possui sinalização do espaço e das estantes? () Sim () Não
- c) Possui espaço para estudo/leitura? () Sim () Não
- d) Possui espaço para atividades audiovisuais? () Sim () Não
- e) Possui cabines individuais? () Sim () Não

3. Quanto ao *acervo*:

- a) De quantos itens esta Biblioteca dispõe? ____
- b) É composto por que tipos de materiais?
 - () Livros didáticos.
 - () Livros de ficção.
 - () Biografias.
 - () Dicionários.
 - () Revistas/Jornais.
 - () Material audiovisual (CD, DVD, vídeo).
 - () Outros. Citar: _____
- c) É suficiente para atender à demanda dos usuários? () Sim () Não
- d) É atualizado? () Sim () Não

4. Quanto aos *recursos materiais* (quantidade):

- a) Mobiliário: ____ estantes; ____ mesas; ____ cadeiras.
- b) Equipamentos: ____ computadores (inclusive com acesso à Internet).
Aparelhos de: ____ som; ____ TV; ____ DVD.

5. Quanto aos *recursos humanos*:

- a) Quantos funcionários trabalham na Biblioteca? ____
- b) Qual a formação profissional dos mesmos? Citar: _____

6. Quanto aos *recursos financeiros*:

- a) Qual a origem dos recursos financeiros utilizados pela Biblioteca?

- b) Existe um orçamento anual? () Sim () Não

7. Quanto à *coleta* dos itens que compõem o acervo da Biblioteca:

- a) Como é realizado o procedimento de *aquisição*?
 - () Compra. Citar fonte: _____
 - () Doação. Citar fonte: _____
 - () Intercâmbio com outras bibliotecas. Citar: _____

b) Como são realizadas as etapas de *seleção e descarte*?

c) Os professores participam dessas etapas? () Sim () Não

8. Quanto ao *processamento técnico*:

a) Marque os procedimentos realizados na Biblioteca:
() Catalogação; () Classificação; () Indexação.

b) Quais são os critérios utilizados?

c) Como é feito o *armazenamento* e a *recuperação* dos itens?

9. Quanto aos *usuários* da Biblioteca:

a) Qual é o seu público?
Interno? () Alunos; () Professores; () Servidores; () Outros.

Citar: _____

Externo? Citar: _____

b) Há estatísticas de frequência? () Sim () Não

10. Você considera importante a interação entre bibliotecários e professores?

11. () Sim. Por quê? _____

12. () Não. Por quê? _____

13. Você acha que essa interação ocorre na escola? Como isso ocorre?

14. Dê suas sugestões ou observações para o funcionamento ou melhoria da biblioteca da escola.

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos professores**A. IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO**

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade: ____ anos

3. Escolaridade:

() Ensino Superior. Citar: _____

() Especialização. Citar: _____

() Mestrado. Citar: _____

() Doutorado. Citar: _____

4. Nível/Ciclo onde você leciona:

Curso Pleno

() Juvenil – () J1, () J2

() Básico – () B1, () B2, () B3, () B4, () B5

() Intermediário – () I1, () I2, () I3, () I4

() Avançado – () A1, () A2, () A3

Curso Específico – () E1, () E2, () E3, () E4, () E5, () E6

B. BIBLIOTECA

1. Você frequenta a biblioteca da escola? Em caso afirmativo, marque com que frequência.

() Duas ou mais vezes por semana.

() Semanalmente.

() Duas ou mais vezes por mês.

() Mensalmente.

() Raramente.

2. Se você não frequenta a biblioteca, marque o(s) motivo(s):

() Desconhece os serviços da biblioteca.

() Acervo insuficiente/desatualizado/desorganizado/mal conservado.

() Falta de interesse.

() Falta de tempo.

() Outros. Citar: _____

3. Você frequenta a biblioteca por que motivos?

() Estudo.

() Lazer.

() Ambos.

() Outros. Citar: _____

4. Em que horário você costuma frequentar a biblioteca?

- ☐ Matutino.
☐ Vespertino.
☐ Noturno.

5. Dentre os diferentes tipos de materiais disponíveis no acervo, quais você utiliza?

- ☐ Livros didáticos.
☐ Livros de ficção.
☐ Biografias.
☐ Dicionários.
☐ Revistas/Jornais.
☐ Material audiovisual (CD, DVD, vídeo).
☐ Outros. Citar: _____

6. Dentre os serviços oferecidos pela biblioteca, quais você utiliza?

- ☐ Utilização do espaço para estudo.
☐ Consulta ao acervo.
☐ Empréstimo domiciliar.
☐ Outros. Citar: _____

7. Com relação aos projetos do CIL, marque quais você participa:

- ☐ *Sala de Referência.*
☐ *Laboratório de Informática.*
☐ *Leitura de Livro Paradidático.*
☐ *CIL Pontual.*
☐ *Banco do Livro.*

8. Esta biblioteca atende as necessidades de informação dos professores e dos alunos?

- ☐ Sim.
☐ Não. Justifique: _____

☐ Em parte. Justifique: _____

9. Considera importante que a escola tenha uma biblioteca? () Sim () Não**10. É necessária a presença de um bibliotecário na biblioteca? () Sim () Não****11. Você incentiva os alunos a usarem a biblioteca? () Sim () Não****12. Você utiliza os materiais e recursos da biblioteca nas aulas? () Sim () Não**

**13. Você considera importante a interação entre bibliotecários e professores?
Em caso afirmativo, por quê?**

() Sim. Por quê? _____

() Não. Por quê? _____

14. Dê suas sugestões ou observações para o funcionamento ou melhoria da biblioteca da escola.

APÊNDICE C - Questionário aplicado aos alunos**A. IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO**

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade: ____ anos

3. Escolaridade:

Fundamental

() 5ª série (6º ano).

() 6ª série (7º ano).

() 7ª série (8º ano).

() 8ª série (9º ano).

Médio

() 1º ano.

() 2º ano.

() 3º ano.

() Ensino Superior. Citar: _____

4. Nível/Ciclo:

Curso Pleno

() Juvenil – () J1, () J2

() Básico – () B1, () B2, () B3, () B4, () B5

() Intermediário – () I1, () I2, () I3, () I4

() Avançado – () A1, () A2, () A3

Curso Específico – () E1, () E2, () E3, () E4, () E5, () E6

B. BIBLIOTECA

1. Você frequenta a biblioteca da escola? Em caso afirmativo, marque com que frequência.

() Duas ou mais vezes por semana.

() Semanalmente.

() Duas ou mais vezes por mês.

() Mensalmente.

() Raramente.

2. Se você não frequenta a biblioteca, marque o(s) motivo(s):

() Desconhece os serviços da biblioteca.

() Acervo insuficiente/desatualizado/desorganizado/mal conservado.

() Falta de interesse.

() Falta de tempo.

() Outros. Citar: _____

3. Você frequenta a biblioteca por que motivos?

- ☐ Estudo.
- ☐ Lazer.
- ☐ Ambos.
- ☐ Outros. Citar: _____

4. Em que horário você costuma frequentar a biblioteca?

- ☐ Matutino.
- ☐ Vespertino.
- ☐ Noturno.

5. Dentre os diferentes tipos de materiais disponíveis no acervo, quais você utiliza?

- ☐ Livros didáticos.
- ☐ Livros de ficção.
- ☐ Biografias.
- ☐ Dicionários.
- ☐ Revistas/Jornais.
- ☐ Material audiovisual (CD, DVD, vídeo).
- ☐ Outros. Citar: _____

6. Dentre os serviços oferecidos pela biblioteca, quais você utiliza?

- ☐ Utilização do espaço para estudo.
- ☐ Consulta ao acervo.
- ☐ Empréstimo domiciliar.
- ☐ Outro.

7. Com relação aos projetos do CIL, marque quais você participa:

- ☐ *Sala de Referência.*
- ☐ *Laboratório de Informática.*
- ☐ *Leitura de Livro Paradidático.*
- ☐ *CIL Pontual.*
- ☐ *Banco do Livro.*

8. Esta biblioteca atende suas necessidades de informação?

- ☐ Sim.
- ☐ Não. Justifique: _____
- ☐ Em parte. Justifique: _____

9. Considera importante que a escola tenha uma biblioteca? ☐ Sim ☐ Não**10. É necessária a presença de um bibliotecário na biblioteca? ☐ Sim ☐ Não****11. Seus professores incentivam o uso da biblioteca? ☐ Sim ☐ Não**

12. Dê suas sugestões ou observações para o funcionamento ou melhoria da biblioteca da escola.
